



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE GARANHUNS CURSO DE LETRAS
KEYLA SHAIANE LEITE DA SILVA

AS REPRESENTAÇÕES DO EROTISMO NA POÉTICA DE
DANIELA GALDINO

Garanhuns, PE

2019

KEYLA SHAIANE LEITE DA SILVA

AS REPRESENTAÇÕES DO EROTISMO NA POÉTICA DE DANIELA GALDINO

Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco, sob a orientação do Prof. Dr. João Batista Martins de Moraes.

Garanhuns, PE

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca Ariano Suassuna, Garanhuns-PE, Brasil

S586r Silva, Keyla Shaiane Leite
As representações do erotismo na poética de Daniela Galdino /
Keyla Shaiane Leite Silva. – 2019.
68 f.

Orientador: João Batista Martins de Moraes.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) –
Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de
Letras, Garanhuns, BR-PE, 2019.
Inclui referências.

1. Poesia brasileira 2. Erotismo na literatura 3. Literatura
brasileira I. Moraes, João Batista Martins de, orient. II. Título

CDD B869.1

KEYLA SHAIANE LEITE DA SILVA

AS REPRESENTAÇÕES DO EROTISMO NA POÉTICA DE DANIELA GALDINO

Aprovado em _____ de _____ de 2019.

BANCA EXAMINADORA

_____ Nota _____

Prof. Dr. João Batista Martins de Moraes. UFRPE-UAG. (Orientador)

_____ Nota _____

Prof.^a Dr.^a Monaliza Rios Silva. UFRPE-UAG.

(1^a Examinadora)

_____ Nota _____

Prof.^a Dr.^a Márcia Felix da Silva Cortez. UFRPE-UAG

(2^a Examinadora)

O corpo como continente de: memória, enfrentamento e projeção. O primeiro espaço que abriga o corpo: o útero. O seio como extensão das nascentes. O umbigo a marca da ruptura. A boca da primeira nutrição dessas fomes ancestrais. A fala como marca do código daquelas que foram antes de sermos. O furo fruto da criação. O fio condutor da inauguração desta poética. O corpo: útero, umbigo e o seio. Um corpo que só poderia ser MULHER. E só foi depois da luta das minhas ancestrais que me fizeram deságua no mundo do qual dedico esse trabalho para meus guias: Maria Francisca e Manoel Vitor.

AGRADECIMENTOS

As mulheres por muito tempo lutaram por si e para construir um mundo melhor para as futuras. Seus sangues foram espalhados e frutos dessas mulheres nasceram, como eu. Meu primeiro agradecimento é para todas as minhas ancestrais que foram um motor contínuo de luta e amor.

À minha professora, amiga e minha inspiração como mulher: Monaliza Rios, por me ajudar a enxergar o mundo com tanta força, amor e sabedoria. Esta pesquisa é fruto dos seus ensinamentos sobre gênero e a luta do feminismo.

À minha professora, protetora e inspiração: Márcia Felix, que me fez filha durante todos estes anos de graduação. Ao Literânima, grupo de pesquisa que me levou para a performance, resistência e a sempre enxergar o amor.

Ao meu orientador: Johnny Martins, por ser como o vento me ajudando na direção desta pesquisa com tanta sensibilidade, paciência e amor. Sua paixão e entendimento pelo Erotismo me fizeram não só apenas uma pesquisadora sobre o tema, mas uma mulher mais forte e melhor.

À Daniela Galdino e sua poesia, que me fizeram desaguar nesta pesquisa.

À minha família por me fazer ser forte em todos os momentos e por sempre me incentivar a buscar a emancipação através dos estudos.

Aos meus amigos/irmãos Felipe Alves, Anderson Leandro e Karla Souza por estarem em todos os momentos comigo e que foram fundamentais na escrita desta pesquisa.

À minha família escolhida pelo coração (Rafael, Islene, Deny, Vandeilton, Márcio, Eduardo Fernanda, Luzia, Gean, Kiko, Nadiel, Gilmar, Apolo e Larissa). Sem vocês a vida não seria tão boa para se viver.

Ao Governo do Luiz Inácio Lula da Silva que, graças a ele, o meu sonho e o sonho de tantas outras pessoas puderam se realizar com a interiorização das Universidades Federais.

À CAPES e ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, e ao Programa de Residência pedagógica – RP, pela oportunidade de participar desses programas, que me ajudaram a construir elementos de resistência frente às decisões políticas em torno da educação e dos ensinamentos da perspectiva crítica-emancipatória que me incentivaram a lutar pela construção de uma educação gratuita e de qualidade para todos. Em especial, a minha supervisora Marlene Maria Ogliari pelo carinho e apoio.

À Unidade Acadêmica de Garanhuns – UAG/UFRPE, ao Corpo Docente e todos os funcionários que me ofereceram uma das maiores armas para mudar a realidade, não apenas a minha, mas também dos meus alunos: UMA BOA EDUCAÇÃO.

Aos meus alunos por me ensinarem que a educação é um palco de dedicação, sabedoria, cumplicidade e luta.

À Dilma Rousseff e Marielle Franco por me fazerem entender o quanto as mulheres contribuem com a sua força política e intelectual para construir um mundo melhor.

Meu obrigado!

Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas participar de práticas com ela coerentes.

Paulo Freire

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar as representações do erotismo nos poemas presentes nas obras *Inúmera* e *Espaço Visceral*, escritas por Daniela Galdino e publicadas em 2013 e 2018, respectivamente. A pesquisa foi constituída a partir de uma abordagem bibliográfica e qualitativa. Para fundamentar nossa análise, foram buscadas as reflexões de Branco (1984), Foucault (1988), Perrot (2003), Paz (1994) e outros. Além disso, estes livros, que são de autoria feminina, rompem com os paradigmas da sociedade falocêntrica ao abordar a sexualidade em que a relação erótica é vista como forma de emancipação, em que a busca por igualdade entre homens e mulheres e a disseminação da ideia de recusa à submissão. A narrativa da mulher desejante se faz presente nessa poética que transpassa os paradigmas e tabus presentes na sociedade. Assim, procurou-se analisar o erotismo dentro das amarras sociais, as quais contribuíram para dificultar a independência da mulher, sob o controle da sexualidade e da ideologia patriarcal e a problematização disso nos escritos de Daniela Galdino.

Palavras-chave: Poesia Baiana. Daniela Galdino. Erotismo.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the representations of eroticism in the poems present in the works *Inúmera* and *Espaço Visceral*, written by Daniela Galdino and published in 2013 and 2018, respectively. The research was constituted from a bibliographical and qualitative approach. In order to base our analysis, we sought the reflections of Branco (1984), Foucault (1988), Perrot (2003), Paz (1994) and others. Moreover, these books of a female authorship break with the paradigms of the phallogocentric society in approaching sexuality in which the erotic relation is seen as a form of emancipation, in which the search for equality between men and women and the dissemination of the idea from refusal to submission. The narrative of the desiring woman is present in this poetic that transgresses the paradigms and taboos present in society. Thus, it was sought to analyze eroticism within the social ties, which contributed to hamper the independence of women, under the control of sexuality and patriarchal ideology and the problematization of this in the writings of Daniela Galdino.

Keywords: Poetry Baiana. Daniela Galdino. Eroticism.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. EROTISMO.....	16
3. PORNOGRAFIA.....	17
4. EROS AO PORNOGRÁFICO.....	20
5. SEXO, CORPO E PODER.....	23
6. O EROTISMO E A POESIA.....	30
7. AUTORIA FEMININA E A CRÍTICA FEMINISTA.....	35
8. POETA, QUASE SEMPRE INÚMERA.....	37
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
REFERÊNCIAS	62

1. INTRODUÇÃO

Busca-se compreender neste trabalho como acontecem as representações do erotismo nos escritos de Daniela Galdino, que evidenciam aspectos eróticos dentro do contexto dos conflitos humanos e nas estimulações eróticas nos dias atuais, para além do olhar sobre o corpo de forma a vê-lo como mercadoria que é exposta e o ato sexual que muitas vezes acaba sendo transformado em um espetáculo para o consumo e palco para os discursos de normas de controle que acabam por fugir do caráter em que o erotismo perpetua.

Segundo Silva (2017), na mitologia grega, através do discurso de Pausânias, o amor feminino era considerado como Eros vulgar ou amor vulgar. O homem teria o domínio do amor que garante amar belamente e, do outro lado, o amor do gênero feminino era visto como frágil. A virilidade, que não seria um campo de atuação para a mulher, era um dos exemplos que garantia que apenas os homens pudessem ser educados e ativos nas relações políticas e, diante disso, a masculinidade daria o poder para “cuidar” das relações de toda uma sociedade. A preocupação do homem grego era, portanto, em não ser escravo de ninguém, nem de si, nem de outro. A escravidão aos desejos era retrato de uma forma de amor feminina e promíscua, desprovida de moderação e cuidado.

De acordo com o pensamento da sacerdotisa Diotima, na obra *O Banquete* de Platão (1991) o amor vai ser sempre uma união com tanto que seja algo bom, como veremos na citação abaixo:

Existe uma teoria segundo a qual amar é procurar a outra metade de si mesmo. Porém, o que minha teoria afirma é que amar não será a procura da metade nem do todo, se essa metade, meu caro, e esse todo não forem bons; a prova disso é que os homens permitem que lhes amputem as mãos ou os pés, sempre que consideram prejudiciais essas partes do corpo (PLANTÃO, 1991, p. 239).

Ainda de acordo com o pensamento de Diotima, existem dois tipos de amor: um físico e outro espiritual. Enquanto o amor físico visa a preservar a espécie e a alcançar a imortalidade através da descendência, o amor espiritual se pereniza através de ideias e pensamentos, que, por si próprios, são imortais. O fim último do amor é alcançar o divino.

Os pensamentos de Diotima, assim como os escritos de Daniela Galdino, podem representar a necessidade de romper com a repressão em que a mulher é obrigada a pertencer

através dessa narrativa hierárquica sobre o amor na sua forma mais líquida e distante de igualdade entre os seres. Na concepção do amor através do discurso de Diotima, em Platão (1991), o amor seria um caminho de esforço individual do homem que consiste em superar-se não apenas pelo corpo e atinge, por essa quebra de visão, o que há de mais superficial, tornando-se assim um amor espiritual. Diotima, sendo uma figura feminina, consegue percorrer o caminho do aprendizado do amor com a expressão mais clara e evidente da natureza do desejo filosófico, como também foi visto nos poemas presentes neste trabalho.

É justamente por essa ligação do Erotismo e a mitologia que buscamos relacionar neste trabalho temáticas como: a atração sexual, as maneiras de amar e a eterna busca do prazer.

Na visão de Paz (1994), o erotismo é a construção cultural entre a sensação sexual e o produto racional que é o amor. Então, o processo de passar do mundo sensível para a categoria formal não é feito por uma transcendência racional, mas por uma estrutura ética e estética que formaliza o encontro corporal de ambos os seres. A relação entre ver e acreditar é o ato erótico, a realidade é vista, mas se acredita, através da poesia, em um mundo extrassensível.

Neste estudo, optamos por trabalhar com a poesia de Daniela Galdino, dentre inúmeras outras razões que fogem à objetividade para além do caráter literário apenas, esta pesquisa também se pauta nas paixões feministas, políticas e de vivência desta leitora.

Daniela Galdino Nascimento nasceu em Itabuna, (BA). Poeta, *Performer*, Produtora Cultural. Graduada em Letras pela UESC, Mestre em Literatura e Diversidade Cultural pela UEFS, Doutora em Estudos Étnicos e Africanos pela UFBA. Docente da UNEB, em que atua na área de Literatura (Graduação e Pós-graduação).

Autora das obras: *Inúmera/Innumeros* (edição bilíngue, trad. Brisa Aziz, Mondrongo, 2017), *Vinte poemas caleiDORcópicos* (2005, Via Litterarum) e *Espaço Visceral* (Ed. Segundo Selo, 2018). Além disso, a escritora participa de várias antologias literárias. Organizou, por exemplo, *Profundanças*: antologia literária e fotográfica (Voo Audiovisual, 2014) e *Profundanças 2*: antologia literária e fotográfica (Voo Audiovisual, 2017).

Na escrita poética de Daniela Galdino há dois percursos essenciais: o erotismo e o engajamento político. São esses dois elos que dimensionam um novo olhar com

comprometimento com a luta das mulheres, pois representam os desafios que elas têm enfrentado ao longo da história, como exemplo: as questões sobre a sexualidade, o corpo, e da participação da mulher na literatura e sua busca por equidade.

Não significa que esses percursos estejam isolados, pois o erotismo é sempre um ato presente, mesmo nos momentos de interdições como foram constituídas diversas sociedades. O erotismo, justamente por esse poder de transgressão, passa a ser uma condição de quebrar os círculos da alienação — na qual muitos indivíduos se encontram na sociedade — e ocupa um lugar ousado, pois acena para a condição de consciência de si de maneira emancipada, como foi observado na poética analisada neste trabalho.

Historicamente, as mulheres tiveram sua construção voltada aos silêncios nas marcas discursivas de suas falas, dos seus corpos e do controle sobre suas narrativas de vida. O apagamento dos corpos femininos mudou constantemente ao logo do desenvolvimento da sociedade e acabaram por serem resumidas a objetos com função anônima e que sua funcionalidade seria resumida à reprodução.

As mulheres acabam sendo vistas e expostas ao controle sociopolítico que gerou normativas de deveres e obrigações que as tornam, através dos discursos, “mulher de verdade”, e com a ativação das performatividades de papéis sexuais como ser: esposa, mãe, boa filha, “dona do lar”, extremamente sentimental, bela etc. Esses exemplos passaram a ser suportes para alguns discursos que foram normatizados ao logo dos anos e acabaram por gerar a ausência de narrativas sobre o olhar feminino, na própria ausência de tomada de decisões sobre elas mesmas e dos silenciamentos sobre seus prazeres, tornando, assim como Perrot (2003) fala: o pudor que encobre seus membros ou lhes cerra os lábios é a própria marca da feminilidade.

Essas marcas de feminilidade sistematicamente adentram ao espaço público trazendo esse corpo feminino à exibição como na televisão, em que é apropriado e carregado de significação. No espaço doméstico, esse corpo é privado e ocultado. Foucault, em seu livro *A História da Sexualidade vol. I*, procurou mostrar como essa transformação disciplinar da vida foi o resultado da sobreposição de vários discursos, como o discurso científico, o jurídico-moral e o religioso.

Os discursos oriundos dessas concepções mostram uma inferioridade feminina, quando o discurso científico mostra um corpo mais frágil, com menor número de neurônios, e destacando o papel da mulher apenas como reprodutora e sempre passível ao controle justificado pelos discursos de interdição e associado ao pecado. Conforme Dey Priore (2011, p. 45) diz: “[...] Era preciso enfeiar o corpo para castigá-lo. Os vícios e as ferverças da carne, ou seja, o desejo erótico, tinham como alvo o que a Igreja considerava ser ‘barro, lodo e sangue imundo’.

A partir do momento em que as mulheres passaram a ser inseridas, de modo mais ativo, na sociedade, acirraram-se os conflitos entre homens e mulheres. A educação era privilégio apenas dos homens até meados do século XIX, sobre tudo no contexto Inglês. A mulher não tinha acesso à educação, pois era dada a elas apenas a importância de ocupar o espaço do cuidar da casa e da família. Ao conquistar o lugar de acesso à educação, as escritas de autoria feminina começaram a dar seus passos e esse novo caminhar foi visto — como até hoje é presente em certos discursos preconceituosos — como uma escrita voltada apenas ao espaço privado da casa, sobre o casamento, a maternidade e os sentimentos. Sobre temáticas sexuais, essa escrita não era um lugar para mulheres e até hoje a sociedade apresenta resistência quanto à fala dessas mulheres nesse espaço, pois o discurso que não é “coisa de mulher” ainda é bastante recorrente. Diante disso, muitas mulheres tiveram seus textos assinados por nomes de homens ou de autoria desconhecida.

Em termos de escrita erótica no Brasil, algumas mulheres conseguiram sair desse eixo imposto ao universo literário, é o caso de Gilka Machado, Adélia Prado e Hilda Hilst, que integram um seleto grupo de escritoras brasileiras que tiveram a ousadia de tratar de uma temática habitualmente vedada à mulher.

A escrita erótica por muito tempo foi relegada à autoria dos homens como se o lugar do erótico fosse parte apenas do universo masculino, cuja representação do feminino era destinada às satisfações sexuais do homem e eles seriam os únicos sujeitos ativos desse processo de escrita.

Portanto, trazemos como problemática a investigação de poemas escritos por Daniela Galdino, como proposta para a compreensão da representação e ligação entre erotismo, corpo e escrita feminina.

A representação erótica presente nos poemas escolhidos para o *corpus* desta pesquisa será utilizada para ampliar esse olhar mais aprofundando do erotismo e na obra dessa escritora, utilizando pesquisas bibliográficas, consultadas em artigos científicos, livros e ferramentas digitais, em relação ao tema.

Além disso, neste trabalho, teremos a oportunidade de refletir sobre a pornografia, o controle sobre os corpos, resultado de uma perspectiva histórica, como uma forma de complementar o objetivo central da pesquisa que é investigar as representações do erotismo na poética erótica de Daniela Galdino (2018).

A respeito do erótico, pesquisaremos sobre a ligação do erotismo com a poesia, a partir do pensamento de importantes estudiosos sobre os temas do erotismo, amor e da sexualidade, tais como Octávio Paz, George Bataille, Audre Lord e outros críticos contemporâneos. Nesse sentido, é traçado o percurso do erotismo que dá suporte à análise da obra poética de Daniela Galdino.

A presença do erotismo apresenta um novo caminho na poesia de expressão feminina ao revelar, através da linguagem poética, a voz lírica que fala sobre o amor, o desejo e acaba por celebrar o erotismo como uma das formas de liberdade da subjetividade feminina. Nos escritos de Daniela Galdino, essa fusão entre a mulher e o erotismo marca a trajetória de autoconhecimento do ser-mulher num mundo de valores predominantemente mantidos através da alienação que a sociedade repressiva impõe às mulheres.

Na literatura de escrita feminina, no entanto, percebe-se uma mudança de foco: o corpo da mulher serve como objeto de prazer para a própria mulher e de emancipação dela. “[...] O erótico oferece um manancial de força revigorante e provocativa à mulher que não teme sua revelação, nem sucumbe à crença de que as sensações são o bastante” (LORD, 2013, p.01).

Diante do apresentado nesta proposta de estudo, pretendemos analisar através dos poemas escolhidos para o *corpus* dessa pesquisa e o contraste com o discurso erótico: a visão do corpo, a objetificação, a escrita erótica de autoria feminina e a luta por igualdade entre relação de gênero.

Didaticamente, este trabalho está dividido em nove seções, a saber: na segunda seção, discutiremos sobre o Erotismo; na terceira seção, sobre a discursividade pornográfica; na

quarta seção, a linha tênue entre Erotismo e Pornografia; na quinta seção, a relação do corpo e o do controle; na sexta seção, Erotismo e poesia; na sétima seção, a escrita feminina e as suas implicações; na oitava seção, análises e discussões sobre a emancipação através da poética erótica; na nona seção, considerações finais. E, por último, as referências utilizadas neste trabalho.

2. Erotismo

Na mitologia grega, Eros era o deus do amor e do erotismo. Etimologicamente, a palavra “erótico” provém de *erotikós*, relativo ao amor, derivado de Eros, o deus do desejo sexual no sentido mais amplo que aproxima, mescla, une, multiplica e varia a espécie humana. É também o princípio da vida e do desejo, ligado a Tânatos, que também está ligado à mitologia grega: deus (e personificação) da morte. Amor e morte estão relacionados à criação e destruição, intimamente ligados à toda experiência cultural humana. A vida e a morte fazem parte da aliança que tece o amor humano. Eros e Tânatos se constroem de duas faces da mesma moeda, pois a morte está sempre à sombra do amor. “O lado trágico da vida enobrece a experiência amorosa.” (CAVALCANTE, 2015, p. 178)

Castello Branco (1984) relata que o mito grego nos diz que Eros é o deus do amor, e essa noção de impulsos eróticos com descrição de re-união e acoplamento existe desde a Antiguidade Clássica, e uma das obras mais antigas da qual se tem notícia no Ocidente é *O Banquete* do filósofo grego Platão. Aristófanes, um dos convidados do banquete, relata que existiam três tipos de seres; o masculino, o feminino e o andrógino. Os andróginos possuíam duas faces, dois membros inferiores e superiores e os dois sexos. Por serem assim, tornaram-se indivíduos arrogantes e poderosos. Ao desafiar os deuses, foram divididos em duas partes por Zeus. Diante disso, acabaram mais fracos e cada um passou a procurar sua outra metade e, quando eles se encontravam, um impulso os fazia se abraçarem, se entrelaçavam num enorme desejo de novamente se unirem para sempre. Eros, então, seria a força que une os corpos fisicamente da maneira mais profunda.

Ao falar sobre erotismo, umas das discussões mais frequentes sobre o olhar ocidental é acerca da distinção entre erotismo e pornografia, não ficando apenas nas diferenças, mas na tentativa de separar e apresentar esse caráter de oposição e qualificação. Castelo Branco (1984) delibera que essa distinção tem como frequência o caráter moralizante, e pouco nítida para quem faz uso dela.

Na próxima seção, discutiremos sobre a pornografia, suas construções sócio-históricas e os impactos na sociedade. Utilizamos para isso alguns teóricos, como: Hunt (1999), Kampf (2008) e Maingueneau (2010).

3. Pornografia

A raiz etimológica da palavra *pornografia* vem do grego *pórne*, “prostituta” + *grafo*, “escrever”; ou seja, a escrita da prostituição, isto é a escrita acerca do “comércio do amor sexual”. Segundo o Dicionário Aurélio (2004, p. 289) “a pornografia seriam figuras, fotografias, filmes, obras literárias ou de arte, etc., relativas a ou que tratam de coisas ou assuntos obscenos ou licenciosos”. A própria etimologia da palavra já enfatiza o caráter venal. Por definição, a pornografia remete à visualização do sexo, à evocação explícita de uma parte corporal ou de um contexto erótico que estimula a excitação, por conta da popularização da escrita e das tecnologias de impressão, ela passou a ter o caráter de produto comercial, consumista, que se transformou em objetivo prioritário de qualquer obra pornográfica. Essa mudança baseada na etimologia da palavra parece ser apenas aplicável à pornografia tal como ela é veiculada nos dias de hoje, como produto de comércio. Para Hunt (1999, p. 13), “a pornografia começou a aparecer como gênero distinto de representação quando a cultura impressa possibilitou às massas a obtenção de escritos e ilustrações”. Sem o acesso do grande público, da popularização dos livros, a pornografia não se realiza como é; no máximo, segundo a autora, se tornaria uma “pornografia acadêmica”. Devido à popularização da pornografia, ela passa a gerar maiores incômodos e discussões, ou seja, se torna então um problema moral e social.

A pornografia foi utilizada por muito tempo como instrumento de deliberação, de crítica às autoridades religiosas e políticas, “a pornografia era quase sempre algo além” (HUNT, 1999, p. 10). Ao final do séc. XVIII, a pornografia muda seu conceito primário e

passa a ser instrumento de excitação, ligado ao prazer sexual e também na demarcação dos papéis sexuais, passando a ter o perfil pelo qual até hoje a reconhecemos: como propagadora de estereótipos de gênero e do papel do poder na excitação sexual. Como, também, podemos observar nos escritos de Kampf (2008, p 17) abaixo:

Até então a pornografia era uma forma de contestação, de crítica às autoridades religiosas e políticas, a partir da popularização da escrita e das tecnologias de impressão a pornografia tomou o rumo mais comercial e passou a ser difundida mais amplamente, já com o objetivo de produzir excitação e prazer sexual.

A pornografia tem como principal característica aquilo que fere o pudor, o que remete à indecência, à obscenidade, à libertinagem e à imoralidade. Na nossa sociedade ocidental, tudo que vai contra as normas estabelecidas socialmente em relação à sexualidade já se faz atribuição de pornográfico, obsceno. Nessa dualidade, Maingueneau (2010), argumenta que a pornografia, ao mesmo tempo que existe no espaço privado, não existe no espaço público, pois sempre se tenta o isolamento e a negação da sua presença, mesmo com os altos índices de consumo do material pornográfico ao qual se tem acesso, ela atua em narrativas como se fosse invisível na sociedade.

O conceito de pornografia, segundo Castelo Branco (1984) descreve, foi se transformando em toda sua história e sempre se faz parte da ambiguidade e da imprecisão, tendo como norte sempre os interesses ideológicos. No século XIX, todos os textos que fossem escritos eram utilizados como discursos de “sentimento de decência” e “mente equilibrada” e qualquer narrativa que tentasse corromper a moral do jovem era considerada como de baixo valor e deveria sofrer proibição. Assim, a pornografia e todos os tipos e artes que fossem “chocantes” e “corruptores” eram alvos dos discursos moralistas e puritanos. A pornografia é variável de acordo com cada contexto de que ela faz parte e é impossível articular todas as variantes desse conceito em apenas uma única definição, como apenas resumir ao baixo-ventre, visto que ela também é conhecimento e são justamente esses perigos a causa de tantas tentativas para se evitar a vivência e as discussões acerca dela.

Castelo Branco (1984) explana que algumas distinções são bastante comuns, como: o teor “nobre, grandioso e sexo implícito” do erotismo e “vulgar e sexo explícito” da pornografia, como que para ser erótico, mesmo sendo um impulso sexual, terminaria por se separar de tais impulsos e existir onde o sexo não está e a nudez e o sexo se igualariam apenas

ao pornográfico. Para Bricon (apud Ferreira, 2009, p. 127), o termo pornografia “perdeu seu sentido técnico, aplicado aos escritores especialistas que falavam sobre prostituição”. Embora atingisse aspectos da saúde pública, por serem “escritos sobre prostitutas”, continham informações que descreviam sua vida, costumes, hábitos. Tendo em vista tal fato, esses elementos podem ter contribuído para a definição encontrada atualmente (MORAES; LAPEIZ, 1985, p.9).

O material pornográfico que se faz presente nos dias atuais é da constante existência de carga de valores transmitidos nos filmes e livros, em troca de momentos de “prazer”. E para esse momento do gozo, é essencial que o leitor/espectador compactue com as ideias, sentimentos e desejos dos personagens, já que o prazer consiste em lidar com a ideologia subjacente presente nesses filmes e livros. Isso implica apoiar situações de desigualdade social e de gênero, nas quais o homem é, na maioria dos casos, superior e a mulher a eterna submissa, sendo objetos de narrativa unicamente de homens.

Na próxima seção, discutiremos sobre a linha tênue que liga a pornografia e o erotismo, associações e suas dissociações. Utilizamos para isso as reflexões de Moraes e Lapeiz (1985), Bourdieu (2010) e Paz (1994).

4. Eros ao Pornográfico

No âmbito de definição, os dois conceitos aqui trabalhados são sempre marcados por juízos de valor, principalmente em relação à arte – particularmente à literatura. O erótico ocupa o âmbito do aceitável, do permitido, do belo, porém, o pornográfico remete ao feio, sujo, imoral, que veio para corromper a moral e os bons costumes. Acaba por se fazer presente na literatura o julgamento moral.

O erotismo corresponde ao modo não utilitário de prazer exatamente porque propõe o gozo como fim em si, tornando seu objetivo máximo o *gozo erótico*; a pornografia se distingue do erotismo ao sempre se vincular a outros objetivos como: o prazer necessitar compactuar com a ideologia vigente quanto ao sexo, visto como única forma possível vinculada aos padrões dessa ideologia.

Castelo Branco (1984) discute ainda que existe um outro fenômeno que pode distinguir o erotismo e a pornografia, através do mito platônico, no qual Eros significa a tentativa de unir aquilo que se encontra separado: o desejo primordial do andrógino, ou seja, dois seres buscando a união em um. Por essa razão, Eros denota a falta, a lacuna e a insatisfação da espécie humana que deseja unir aquilo que está dividido. Acrescenta-se, inclusive, que Eros compreende, segundo a interpretação de Folscheid e Wunenburger (1999, p. 139), a aspiração à totalidade do ser humano.

Do contrário, a pornografia percorre o caminho da mutilação dos seres, no gozo parcial, superficial e solitário. Ademais, a reafirmar valores que, ao invés de subverter a

ordem, acaba por preservá-la e até enaltecer, reforçando a divisão e a solidão dos indivíduos. Outro ponto da pornografia é privilegiar os genitais como forma exclusivamente ligada ao prazer sexual, a uma única parte, autônoma e mecânica de nossos corpos. Logo, evidenciado o genital masculino como a ideologia viril das sociedades patriarcais em que a pornografia é produzida, o falo representa a hierarquização do homem ao topo e insiste na parcialidade das relações e, ainda, exclui e submete a mulher.

A linha que cerca as definições de erótico e pornográfico são flexíveis e tênues. Os dois conceitos se associam e se dissociam conforme o contexto em que são utilizados. A pornografia, através dos mecanismos de poder e censura na sociedade, acabou por ser um produto de narrativa única, ficando de lado a transgressão, assim como o erotismo vem se tornando algo que se distancia do sexo como mera excitação, na tentativa de uma narrativa mais branda, e que ganha o caráter de leveza, como o lado “romântico”, se distanciando das suas raízes de originais.

Essa hierarquização dos gêneros se perpetua até nos dias atuais, como exemplo: os desenvolvimentos dos âmbitos tecnológicos causaram aproximação do outro, porém ainda cooperam por corromper a imaginação humana, ressecando a sensibilidade e, nesse espaço ganho da liberdade sexual, acomoda-se a escravidão dos corpos em que se afasta do que constitui a continuidade de Eros: a outra pessoa.

Mesmo o erotismo e a pornografia, elementos da mesma moeda dos prazeres, comportamentos e desejos, um desempenha o papel “perverso” e o outro de “santidade”. Esse dualismo e qualificação gera a luta simbólica que atinge os âmbitos das representações e das práticas sexuais. Para o sociólogo francês Pierre Bourdieu (2010), o processo de dominação social ocorre não apenas por meios econômicos ou políticos, mas também, simbólicos. É nessa luta por categorizar e dividir o erótico e o pornográfico que ocorre o poder aliado às diferenças sexuais e seus níveis de hierarquização.

Talvez nessa ambiguidade possamos encontrar o sentido da pornografia, se entendida como o discurso por excelência veiculador do obscuro: daquilo que se mostra e deveria ser escondido. A exibição do indesejável: o sexo fora do lugar. Espaço do proibido, do não-dizível, do censurado: daquilo que não deve ser, mas é. A pornografia grita e cala, colocando lado a lado o escândalo e o silêncio. É nesse jogo de esconde-esconde que encontramos o seu sentido, mas é também por causa dele que se torna difícil defini-la. (MORAES; LAPEIZ, 1985, p. 8-9).

Enquanto a pornografia expõe o desejo oculto de maneira ríspida e chocante, o erotismo seduz e convida à atuação do imaginário do participante. O erotismo vai além do sexo ordinário e dá brechas à imaginação artística e ao pensamento erudito (GREGORI, 2012). A pornografia massifica e mercantiliza a imaginação, por outro lado, o erotismo a enriquece e abre caminhos a fim de promover a liberdade. Para Octavio Paz (2001, p. 143), o comércio nunca sobrepujaria a filosofia libertina nem o “prazer se transformaria em um parafuso da indústria”.

Foucault (1988) faz um estudo profundo sobre a história da sexualidade e aponta que, a partir do fim do século XVI, “a colocação do sexo em discurso” foi submetida a um mecanismo de crescente incitação em vez de sofrer um processo de restrição, como podemos observar na citação abaixo:

O importante é que o sexo não tenha disso somente objeto de sensação e de prazer, de lei ou de interdição, mas também de verdade e falsidade, que a verdade do sexo se tenha tornado coisa essencial, útil ou perigosa, preciosa ou temida; em suma, que o sexo tenha sido constituído em objeto de verdade (FOUCAULT, 2001, p. 56)

Para Paz (1994), a criação é a elevação metafísica do relacionamento carnal. Não é sexualidade animal, mas rito, representação. A imaginação é o motor poético do erotismo. Sexo é feito para reprodução, no erotismo o prazer é o fim e nesse fim se encontra o divino.

Na próxima seção, discutiremos sobre a repressão sobre o corpo, as manipulações sobre o sexo e mecanismos de controle. Utilizamos para isso os pensamentos de Perrot (2003), Matos (2003) e Foucault (2001).

5. Sexo, corpo e poder

O sexo e as suas várias formas de se expressar foram alvos do discurso repressivo baseado nos dogmas cristãos e ideologia burguesa. Mais especificamente no século XIX, o sexo foi limitado a atuar no campo de discussões de punições, pecado, ao espaço cada vez mais privado e silencioso, se tornando algo utilitário apenas para fins de procriação. O ato sexual, juntamente com o corpo, foi, então, higienizado e reduzido ao controle. O corpo — que sempre se fez presente nos discursos dos poetas, da medicina e dos políticos — assume um papel importante, pois é o lugar em que se inscrevem os elementos culturais presentes nas experiências que os sujeitos vivem ao longo da sua vida, sendo também, a primeira forma de identificação dos homens e das mulheres e, por fim, é um campo que acabou sendo transformado em um espaço do exercício do poder. Nesse contexto, a pornografia, no século XIX, abandonou as reflexões filosóficas do século XVIII e passou a servir à hipocrisia gerada por mecanismos de controle dos corpos, que tinham amparo no poder religioso de base judaico-cristã — católica e protestante — predominante na sociedade também com poder político e econômico.

Nesse período, era muito comum nos países católicos que os padres ficassem responsáveis por controlar as bibliotecas e, também, eram os que tinham acesso à alfabetização. Com o poder da palavra e do acesso aos livros, eles delimitavam o

conhecimento da sociedade ao que se poderia ou não ter acesso. O casamento, nesse contexto da época, tinha duas razões fortes para acontecer: para propiciar a única situação em que os filhos podiam ser concebidos sem ligação com o pecado (para a Igreja, só se deve fazer sexo depois do casamento), e por manter os homens mais “moderados” e distantes de práticas consideradas pecaminosas – como homossexualidade, sexo anal ou oral, zoofilia e masturbação. Não se tolera o que eles chamavam de “desperdício de sêmen”.

Na contramão desse domínio, o erotismo se afasta dessa obrigatoriedade da procriação, da necessidade, pois ele é um sentimento livre de qualquer obrigação de reprodução e busca o prazer e a realização em si mesmo. É justamente por essa liberdade que o discurso sobre a sexualidade foi induzido e, no que diz respeito à sexualidade feminina, a repressão foi mais intensa, porque a mulher deveria ser recatada e guardar regras de pudor socialmente estabelecidas. Mecanismos de controle se aparelhavam para uma construção de uma sociedade voltada aos valores patriarcais.

O corpo feminino, no entanto, é onipresente: no discurso dos poetas, dos médicos ou dos políticos; em imagens de toda natureza — quadros, esculturas, cartazes — que povoam as nossas cidades. Mas esse corpo exposto, encenado, continua opaco. Objeto do olhar e do desejo, fala-se dele. Mas ele se cala. As mulheres não falam, não devem falar dele. O pudor que encobre seus membros ou lhes cerra os lábios é a própria marca da feminilidade. (PERROT, 2003, p. 13).

As marcas culturais seguidas das diferenças biológicas foram utilizadas para reafirmar o que seria “norma” e o que seria “inferior”. O homem passa a ser visto como eterno protagonista, a começar pela forma de se referir a determinado grupo, como exemplo: mesmo em um ambiente com maioria feminina, a forma de tratamento ainda será masculina mesmo se esta for minoria. Como no discurso médico, que muitas vezes reafirmou inferioridade da mulher, por exemplo, o corpo feminino é visto como a versão menos desenvolvida do masculino, segundo Perrot (2003).

Segundo Matos (2003), o higienismo criou todo um conjunto de prescrições que deveriam orientar e ordenar a vida, nos seus mais variados aspectos, sejam eles na cidade, no trabalho, no domicílio, na família, nos corpos. Esse discurso foi utilizado nos costumes e hábitos do cotidiano, os prazeres também percorriam por esse universo do permitido/proibido e a sexualidade deveria seguir o parâmetro médico-sanitarista.

Perrot (2003) ainda fala que, no espaço privado, o corpo da mulher é silenciado e deve permanecer oculto. Os corpos das mulheres serviriam como objeto de prazer de seu esposo e um desconhecido de si mesma, pois a ideia do pecado é uma narrativa predominante de controle, do qual se faz resumir em ser um motor contínuo do mundo, através do seu útero. No espaço público é exibido, apropriado e carregado de significação.

As mulheres ganhariam o papel de “cuidadora” e estariam sempre ligadas ao universo do lar, dos trabalhos domésticos e aos cuidados dos filhos. Elas se tornariam donas de um espaço de posição de inferioridade em relação aos homens que publicamente seriam ativos e provedores. Esses papéis sexuais de gênero percorriam os lugares de dominada/dominante. A mulher ocuparia o lugar de dualismo das atribuições relacionado aos papéis sexuais de gênero, em que deveria ser uma mulher no espaço público e outra no espaço privado: o ser “bela, recatada e do lar”. Essas diferenças de papéis sexuais de gêneros entre homens e mulheres foram e são mantidas com bastante força no controle dos corpos. As instâncias de poder, como a Igreja, o Estado e a Medicina as perpetuam até hoje. Ao verificar a quantidade de mulheres que existe na docência, profissão que foi ligada ao estereótipo do “cuidar”, e a quantidade de mulheres ocupantes de cargos na política que está ligada à liderança, notamos que ainda se faz presente essa normativa da mulher na sociedade. Os discursos de negação colocaram até o prazer feminino fora do imperativo da procriação, e esse prazer é quase inexplorado, reprovado e dito como “coisa de prostitutas”, fazendo com que o corpo feminino ligado ao discurso do poder de hierarquização servissem de bases para que fossem velados os corpos, a vida e as escritas das mulheres, numa narrativa sempre vista apenas pelo viés masculino, que deteve o poder e o continua exercendo na nossa sociedade.

Esse poder masculino é visto na obra da autora Adrienne Rich (1996), apoiada nos estudos da Kathleen Gough, na qual se enumera algumas características do poder masculino em sociedades arcaicas e contemporâneas:

1. *negar às mulheres* (sua própria) sexualidade- (por meio de extração do clitóris e costura da lábia vaginal; cintos de castidades; punições, incluindo a morte, para o adultério feminino, punições, incluindo morte, para a sexualidade lésbica; negação psicanalítica do clitóris, normas contra a masturbação; negação da sexualidade materna e pós-menopausa; [...], fechamento de arquivos e destruição de documentos relatando existência lésbica).
2. *confinar as mulheres fisicamente ou prevenir seus movimentos* – (através de táticas para manter as mulheres fora das ruas; assédio- sexual nas ruas; [...]).

3. *restringir a criatividade das mulheres* – (por meio de [...] restrição da autorealização feminina ao casamento e à maternidade; [...] apagamento das tradições femininas).
4. Mantê-las à parte de grandes áreas de conquistas culturais e relativas ao conhecimento da sociedade-(através da não-educação de mulheres; o “Grande Silêncio a respeito da existência das mulheres e especialmente das lésbicas na história e cultura; [...] discriminação contra as mulheres nas profissões)” (RICH, 1996, p. 131-132).

O discurso religioso, através da Bíblia, também traz vários exemplos da necessidade de regular e normatizar, de “proteger” as mulheres e de se proteger contra elas, que, deverão ser silenciosas, como em Timóteo: “A mulher aprenda em silêncio, com toda a sujeição” (Timóteo, 2:11). Passivas, como em Efésios: “Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos, como ao Senhor” (Efésios, 5:22). As atitudes tomadas pelas mulheres fora do eixo discursivo que impõe a Bíblia ameaçam a ordenação e a pureza da humanidade, como em Provérbios: “A mulher graciosa guarda a honra como os violentos guardam as riquezas” (Provérbios 11:16). A mulher, então, na maioria das vezes, é associada ao pecado, como em Eclesiastes: “E eu achei uma coisa mais amarga do que a morte, a mulher cujo coração são redes e laços, e cujas mãos são ataduras; quem for bom diante de Deus escapará dela” (Eclesiastes, 7:26). A menstruação também é outro exemplo desse discurso pecaminoso, em que a Bíblia insere a mulher, como em Levítico: “da mulher em sua menstruação, do homem ou da mulher que têm fluxo e do homem que se deita com uma mulher que está impura” (Levítico,15:33). Seu valor é associado à virgindade, como em Levítico: “E ele tomará por esposa uma mulher na sua virgindade” (Levítico, 21:13). A mulher deverá agir sob precauções e com amor incondicional ao marido e os filhos, como em Tito: “Para que ensinem as mulheres novas a serem prudentes, a amarem seus maridos, a amarem seus filhos” (Tito, 2:4). Os discursos vão girar em torno do papel da mulher como reprodutora e guardiã da ordem, em que não se deve questionar, como o trabalho feminino, de cuidar dos afazeres domésticos, do cuidado com a família, e o homem na oposição desses discursos ganha uma maior liberdade nesse espaço negado sempre às mulheres, como em Números: “E o homem será livre da iniquidade, porém a mulher levará a sua iniquidade” (Números, 5:31).

Os estados considerados impuros e impróprios em que se coloca a imagem da mulher, por outro lado, remetem naturalmente à “conexão erótica”, ligada à vida e à morte, como afirma Castelo Branco (1984). Ainda falando sobre alguns discursos usados como mecanismo de repressão e punição do corpo feminino, podemos observar na citação abaixo:

Entre os séculos XII e XVIII, a Igreja identificava, nas mulheres, uma das formas do mal sobre a terra. Quer na filosofia, quer na moral ou ética do período, a mulher era considerada um nicho de pecados. [...] O fluxo menstrual, os odores, o líquido amniótico, as expulsões do parto e as secreções de sua parceira os repeliam. (DEY PRIORE, 2014, p. 35).

Por exemplo, a gestação permite à mulher o contato íntimo com a origem e com a morte: é somente através da “morte” do óvulo e do espermatozoide que se origina uma nova vida; é somente através da “morte”, de seu estado de completude, que o filho pode nascer. A mulher carrega, portanto, a capacidade natural de experienciar a totalidade, de viver temporariamente sob os desígnios de Eros.

O discurso religioso carrega uma imagem da mulher que está ligada ao pecado (Eva), logo deveria ser culpada e educada. Essa imagem também está ligada ao imperativo do ser mãe (Maria), como função de corpo-objeto para procriação. São esses exemplos da Bíblia que giram em torno do pecado e das consequências que seriam reafirmadas pelo capital e constituíam as narrativas de ordem do *ser mulher*, o que gerou na história a pedagogização dos corpos das mulheres, a invisibilidade e a transformado em seres nas margens dos silêncios.

A mulher vê-se colocada em um difícil papel: privilegiado objeto do desejo, por um lado e, por outro, cobertura contra o retorno – repudiado – de uma vivência angustiante e proibida. Deve evocar e apagar a primeira experiência de gozo, impotência e abandono, o mais sinistro da experiência humana (GOLDSTEIN, 2009, p.15).

O discurso sobre o sexo e o corpo seria alvo central do controle, do vigiar e punir constituído pelo discurso religioso, da Medicina e do Estado na tentativa de se formar um modelo ideal. Ligado ao erotismo, o amor se tornaria uma nova ideia de vida, uma forma de pensar o mundo e de organizar a sociedade, exatamente por essa liberdade, o erotismo feminino foi tão manipulado, escondido e objeto que remetia sempre à ideia de pecado e, por isso, deveria ser silenciado.

Após centenas de anos de arejamento e de expressão livre, faz-se com que coincida com o desenvolvimento do capitalismo; ela faria parte da ordem burguesa. [...] Se o sexo é reprimido, isto é, fadado à proibição, à inexistência e ao mutismo, o simples fato de falar dele e de sua repressão possui como que um ar de transgressão deliberada. Quem emprega essa

linguagem coloca-se, até certo ponto, fora do alcance do poder; desordena a lei; antecipa por menos que seja, a liberdade futura. (FOUCAULT, 2007, p. 12).

Foucault (2001), em seu livro *História da sexualidade I: a vontade de saber*, acredita que só podemos pensar de forma adequada em sexo se o compreendermos como espaço de produção de acontecimentos. Esse espaço de acontecimentos não seria ligado ao de emancipação como Bataille (1987) pensava, entretanto, na forma de sujeição. O sexo seria, então, um acontecimento a ser pensado pela filosofia na medida em que explicita uma nova forma de poder que ganhou hegemonia no interior das formas de vida no Ocidente. As distinções dos poderes ocorrem entre o poder soberano e o poder disciplinar, e ambos estariam ligados por uma série de relações.

O poder soberano teria seu paradigma na figura da encarnação monárquica da legitimidade, com sua fundamentação do exercício da lei na vontade do soberano. Já o poder disciplinar teria uma ligação direta entre o corpo e o poder político. As práticas de poder visam a regularizar os modos determinados, o controle corporal, regular as paixões e os regimes do desejo. “[...] a sexualidade não é fundamentalmente aquilo de que o poder tem medo, mas ela é, sem dúvida e antes de tudo, aquilo através de que ele se exerce” (FOUCAULT, 2014, p. 236).

Desde o século XVIII, a sociedade ocidental não parava de falar sobre o sexo. “constitui-se uma aparelhagem para produzir discursos sobre o sexo, cada vez mais discursos, susceptíveis de funcionar e de serem efeito de sua própria economia” (FOUCAULT, 2001, p.26). Esse discurso de incitação para falar do sexo não ficava apenas no lugar de proibições, entretanto, ao mesmo tempo estimulava, simultaneamente, a repressão sexual para também propor a necessidade de libertá-lo. Foucault (2001) cita o exemplo da confissão religiosa como uma forma que caminha entre o dizer e as formas de não dizer. O que surgiria disso seria uma ciência sobre o sexo.

O sexo deixa de ser apenas objeto de julgamentos, mas também ocupava o lugar de gerenciamento, controle e administração. O sistema vai tentar garantir sua utilidade e o seu bom funcionamento. A sensualidade se torna uma questão de Estado, visto que para ele a taxa de natalidade, fecundidade são alguns exemplos de materialidade que precisa ser vista e controlada. Na medida em que são tidos como possíveis objetos de gerenciamento, acabam

desta forma não se poderem desprender das práticas sexuais dos indivíduos. A partir de meados do século XVIII, o Estado começou a se preocupar em estabelecer um controle sobre a prostituição, sobretudo na França.

É essa *scientia sexualis* (ciência sexual) que, aparentemente, se apresenta como neutra, que é tão repressora e moralizante quanto a igreja, pois é ela que agora determina o que é saudável e o que é perverso e, portanto, quais são as formas lícitas e ilícitas de erotismo. Foi daí que essa ciência invadiu os prazeres das pessoas classificando as práticas normais e não aceitáveis, e, assim, acabou por legitimar, também as formas “saudáveis” de amor que se articula em torno do prazer e do poder.

A ideia do sexo reprimido, portanto, não é somente objeto de teoria. A afirmação de uma sexualidade que nunca fora dominada com tanto rigor como na época da hipócrita burguesia negociante e contabilizadora é acompanhada pela ênfase de um discurso destinado a dizer a verdade sobre o sexo, a modificar sua economia no real, a subverter a lei que o rege, a mudar seu futuro. (FOUCAULT, 2001, p. 13).

A respeito da ciência sobre sexo, Foucault (2001) vai explicitar que a sexualidade foi modificada e encerrada. Muda-se para o espaço privado da casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir:

Em torno do sexo, se cala. O casal, legítimo e procriador, dita a lei. Impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo. No espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais. Ao que sobra só resta encobrir-se; o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpa os discursos. (FOUCAULT, 2001, p. 9).

Para Foucault (2001), todas essas práticas de regulação do discurso desvelam um profundo temor em relação ao que há de mais incontrolável, desordenado, violento e descontínuo nas práticas discursivas: o erotismo.

Na próxima seção, discutiremos sobre o Erotismo e a sua relação com a poesia, erotização da linguagem e transgressão. Utilizamos para isso, principalmente, as reflexões de Paz (1994) e Maximiliano Torres (2004)

6. O Erotismo e a Poesia

No seu livro *A dupla chama: amor e erotismo*, o mexicano Octavio Paz mostra que o erotismo é visto como uma força que nos atrai, é desejo latente, é paixão, é ânsia imoderada de corpos se dando, na embriaguez do prazer e urgência de satisfação. Mesmo com todas as formas de interdição sobre o discurso erótico, ele sempre se fez presente por meio da transgressão.

Ocorreria que o erotismo entraria nesse jogo duplo entre o sujeito poeta e a linguagem. Essa duplicidade estaria ligada na forma pela qual o poeta, através da fruição, agiria sobre as palavras.

Seja pelas esculturas, o Kama Sutra, nas poesias, o erotismo sempre foi uma ligação à natureza do desejo humano. Focando na erotização da poesia, Paz (1994, p.12) afirma que “a imagem poética é abraço de realidades” e que a imagem poética é “abraço de realidades opostas e a rima é cópula de sons; a poesia erotiza a linguagem e o mundo porque ela própria, em seu modo de operação, já é erotismo”.

Segundo Paz (1994), o erotismo não é mera sexualidade animal. É cerimônia, representação. O erotismo seria a sexualidade transfigurada: metáfora. A imaginação seria o agente que move o ato erótico e o poético. O protagonismo do ato erótico são os sexos, pois nos chamados “prazeres solitários”, o desejo sexual colocaria sempre um parceiro imaginário, ou muitos. O ato erótico acontece sempre com dois ou mais, porém nunca um, através do ritual, da sedução, de imaginação e do prazer do erotismo.

Em sua raiz, o erotismo é sexo, na natureza, por ser criação e por suas funções na sociedade, é cultura. Uma das finalidades do erotismo é domar o sexo e inseri-lo na sociedade. Sem sexo não há sociedade, pois não há procriação; mas o sexo também ameaça a sociedade, segundo Paz (1994).

Segundo o Dicionário Aurélio (2001, p. 630), a sensualidade é a qualidade de sensual; intenso de prazer sexual; lubricidade, luxúria. Essa característica está intimamente ligada ao erotismo que se define como o conjunto de expressões culturais e artísticas humanas referentes ao sexo.

No texto “As incursões de Eros no cenário da poesia carioca contemporânea”, de Maximiliano Torres (2004, p. 208), notamos a visão do autor a respeito do erotismo e da poesia. O crítico afirma que Eros é estar intrinsecamente ligado à poesia, pois ele é criação, é aquele que dá existência ao que não existe; é criação da beleza, segundo o corpo e o espírito:

Eros: aquele que co-liga o mundo da descontinuidade ao mundo da continuidade, que responde ao desejo de imortalidade, que responde à arte, que é arte. Arte como inspiração pelo amor. Arte que, sempre desafiadora, incita o princípio da razão predominante e, ao invocar a sensualidade, invoca a gratificação em oposição à repressão, faz emergir a sua pureza e a sua animalidade. E o poeta, espreitando sutilezas e significados nos corpos das letras, se enleia nos enlaces de Eros e o texto vai-se corditecendo nos sutis passos de uma bela coreografia amorosa.

Para Paz (1994, p. 143 e 144), o erotismo é uma metáfora sobre a sexualidade e a poesia seria a erotização da linguagem. O obstáculo e a transgressão estão intimamente associados a outro elemento também duplo: o domínio e a submissão:

[...] A modernidade dessacralizou o corpo e a publicidade o utilizou como um instrumento de propaganda. O erotismo transformou-se num

departamento da indústria da publicidade e num ramo do comércio. Deixaram de ser transgressões. Outra, permissão sexual degradou Eros, corrompeu a imaginação humana, ressecou a sensibilidade e fez da liberdade sexual a máscara da escravidão dos corpos. Os poderes do dinheiro e da moral do lucro fizeram da liberdade de amar uma servidão; [...].

Paz (1994, p.12) relaciona a poesia e o erotismo com a sexualidade. O poema não se faz utilitário a dizer, entretanto a ser, interrompendo a comunicação, assim como o erotismo pararia a reprodução. Nos rituais eróticos, o prazer é um fim em si mesmo e não tem como finalidade apenas a reprodução. Ele toma sua autonomia se emancipando. Ambos nascem dos sentidos, porém não terminam neles.

A relação entre erotismo e poesia é tal que se pode dizer, sem afetação, que primeiro é uma poética corporal e a poesia é uma erótica verbal. Ambas são feitas de uma oposição complementar: a linguagem.

Em sua obra, Paz (1994) fala sobre a imposição de uma nova ética erótica em que a natureza seja valorizada. O erotismo não poderia se tornar refém desse aprisionamento, escravo do consumo, da repressão instaurada, mas na sua libertação.

Uma sociedade que caminha longe da libertação do erotismo acaba por tornar o ser humano em prisioneiro do próprio prazer, que acaba por construir o que se pode chamar de culpa sexual, visto com mais frequência nas mulheres, que até hoje, são proibidas e mal vistas ao expor qualquer contato com o sexo. Como podemos observar:

Por isso tivemos de inventar regras que ao mesmo tempo canalizam o instinto sexual e protegem sociedade de seus excessos. Em todas as sociedades há um conjunto de proibições e tabus — também de estímulos e incentivos — destinados a regular e controlar o instinto sexual. Essas regras servem simultaneamente à sociedade (cultura) e à reprodução (natureza). Sem eles a família se desintegraria, e com esta toda a sociedade. Submetidos a perene descarga elétrica do sexo, os homens inventaram um para-raios: O erotismo. Invenção equívoca, como todas as que idealizamos: o erotismo propicia a vida e a morte. Começa a se desenhar agora com maior precisão a ambiguidade do erotismo: é repressão e permissão, sublimação e perversão. Nos dois casos, a função primordial da sexualidade, a reprodução, fica subordinada a outros fins — uns sociais e outros individuais. O erotismo defende a sociedade dos assaltos da sexualidade, mas também nega a função reprodutiva. É caprichoso servidor da vida e da morte. (PAZ, 1994, p.18)

A relação do sexo e do corpo é bastante problemática, se fazendo presente até nos dias atuais. O corpo, por ser considerado o instrumento do gozo, foi primeiro esterilizado e pedagogizado, segundo PERROT (2003). O sexo reduzido às condutas de procriação e sendo sempre reformulado para psiquiatrização dos prazeres perversos quando esse sexo não é realizado dentro da normativa imposta, como podemos observar na definição da Psicanálise abaixo:

Diz-se que existe perversão quando o orgasmo é obtido com outros objetos sexuais (homossexualidade, pedofilia, bestialidade, etc.), ou por outras zonas corporais (coito anal, por exemplo) e quando o orgasmo é subordinado de forma imperiosa a certas condições extrínsecas (fetichismo, travestismo, voyeurismo e exibicionismo, sadomasoquismo); estas podem mesmo proporcionar, por si sós, o prazer sexual. (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p.341).

Segundo Lanteri-Laura (1994), num primeiro momento, a perversão se constitui como desvio em relação à norma socialmente estabelecida e posteriormente se insere numa nosologia científica (ramo da medicina que estuda e classifica as doenças), da qual se pretende transformar em um juízo de valor neutro acerca das condutas sexuais desviantes e cujo objetivo é normalizá-las.

Dessa forma, ainda de acordo com Lanteri-Laura, o discurso relativo às perversões atrela dois mecanismos: o discurso científico funciona ao mesmo tempo como um fragmento da *episteme* sobre as perversões e como essa outra *episteme* que trata da *doxa* das perversões. O que acaba por gerar a vinculação da natureza científica com o conjunto de valores de uma sociedade, de modo intrinsecamente juntos com a moral e a norma. Esses mecanismos vão servir de aparato na invasão da psiquiatria, como bem aponta Foucault (2001, p. 203, 205):

Invasão da psiquiatria, pois, por toda uma massa de condutas que, até então, só haviam obtido estatuto moral, disciplinar ou judiciário. Tudo o que é desordem, indisciplina, agitação, indocilidade, caráter recalcitrante, falta de afeto, etc., tudo isso pode ser psiquiatrizado agora.... A psiquiatria será essencialmente a ciência e a técnica dos anormais, dos indivíduos anormais e das condutas anormais.

A ciência, dessa forma, vai transformar essa sexualidade em uma norma que moralmente sofre com o resquício da moral religiosa e que tem sua função idealizada em apenas servir para a procriação. A sexualidade desviada se torna um obstáculo a ser superado, pois o corpo para o Estado é um lucro capitalista e para a ciência um objeto científico que visa a transformar o corpo “improdutivo” ou “desviado” em um instrumento de trabalho eficaz; justamente por isso, a sexualidade é tão passível de controle da Igreja, da Medicina e do Estado, como fala Marx (1988, p.109.):

A emergência da norma faz com que se torne possível designar determinados comportamentos como desviantes, por exemplo, uma sexualidade funcionalmente desviada, que não atende a fins de reprodução ou se demora temporalmente no ato sexual desperdiçando força de trabalho que poderia estar sendo utilizada na produção de mais-valia, e se põe assim como problema de uma sociedade ancorada na produção industrial e de acumulação de capital pela extração de força de trabalho.

O erotismo — que é uma ligação à natureza do desejo humano que expressa as experiências de liberdade frente às novas expectativas — passa a ser uma representação negativa da liberdade por esses discursos sob o sexo. A censura e a padronização desses corpos são marcadas pela heterossexualidade normativa, pelo “pudor” das mulheres em relação ao sexo e pelo esforço de criar fronteiras de gênero que impedem essa união dos corpos numa narrativa igualitária.

Nesse sentido, a poesia erótica escrita por mulheres como Daniela Galdino colabora para essa compreensão sobre as necessidades e reivindicações da liberdade do Erotismo, das emancipações femininas e, por fim, por uma igualdade social concreta.

Na próxima seção, discutiremos sobre a autoria feminina, crítica feminista e produção literária. Utilizamos para isso principalmente os pensamentos de Osana Zolin (2005), Mary Jacobus (1975) e Showalter (1994).

7. Autoria feminina e a crítica feminista

A posição social da mulher e sua presença no universo literário estão interligados com a produção literária. O estereótipo feminino negativo no contexto sócio-histórico, que é reafirmado na literatura, constitui-se como barreira até hoje reforçada na nossa sociedade.

Segundo Lúcia Osana Zolin (2005), ao observar o cânone literário brasileiro faz-se notório a interligação do sexo e poder, tanto na representação da esfera privada quanto na pública. Ambas acabam por se constituírem como base das ligações políticas, religiosas, e aprimoradas nas relações de poder.

Essas relações de poder tradicionalmente coloca as mulheres como submissas, dependentes do homem nas esferas econômicas e psicológicas. Na literatura, as personagens femininas também eram e são objetificadas por esse viés de poder e sob o olhar masculino.

Essas representações do estereótipo patriarcal perpassa as representações para condição de inferioridade da mulher.

Na escrita literária, vários tipos de discriminações e estereótipos são justificados por essa inferioridade social e intelectual em que caberia o universo feminino. A educação não era espaço para mulheres e os homens se utilizavam desse acesso ao conhecimento como mais um mecanismo de poder. Com o passar do tempo, as mulheres da elite passaram a ter acesso à educação e conseguiram, aos poucos, adentrar nesse universo de conhecimento. A exploração da delicadeza, compreensão, submissão, afeição ao lar, maternidade, inocência e falta de ambição estariam seguindo a ordem natural das coisas e eram esses textos que percorriam a sociedade do séc. XIX e reafirmavam esse domínio do homem sobre a mulher na forma de co-depedência maquiada na relação de poder entre os gêneros.

Nas palavras de Miller (1980, p. 35), a diferença da prática literária das mulheres, portando, deve ser baseada “no corpo de sua escrita e não na escrita de seu corpo”. Diante disso, a escrita literária acaba por ser um produto de inúmeros fatores — de gênero, tradição, memória e contexto. Segundo Elaine Showalter (1994, p 50), a escrita das mulheres é baseada em um “discurso de duas vozes” que caminham juntos da herança social, literária e cultural tanto do silenciado quanto do dominante. Assim, compreende-se que não pode haver escrita fora da estrutura dominante, pois, ainda não se tem a independência das pressões econômicas, políticas e, sobretudo, morais da sociedade dominada pelos homens.

Além disso, Mary Jacobus (1975, p. 37) fala que a escrita da mulher deve funcionar dentro do discurso “masculino”, mas que trabalhe “incessantemente” para desconstruí-lo: para escrever o que não pode ser escrito.

Diante disso, na próxima seção iremos trazer de que forma Daniela Galdino, poeta baiana, reúne em seus livros mergulhos sobre o corpo, com criticidade sobre as interdições, buscando esse lugar de liberdade erótica e desconstruindo discursos normativos através da sua poética.

8. Poeta, quase sempre INÚMERA

Ainda que as mulheres, depois de tantas lutas, possam desfrutar de mais liberdade e autonomia nos dias atuais, ainda se tem uma sociedade cercada por opressões contra a mulher. Um dos aspectos mais atormentados sob pressão do moralismo e dos tabus é o sexo. A criação literária é, por si só, um ato de ruptura subjetiva, e as mulheres, como Daniela Galdino, através da sua escrita, criam poemas que trazem características *peculiares*, extrapolando as fronteiras definidas, através das palavras, criando um espaço de liberdade pessoal, em que a poesia erótica consegue quebrar tabus muito mais difíceis de serem superados pela sociedade como um todo, com temáticas sobre a liberdade do corpo, sexualidade e da autonomia da mulher percorrendo os caminhos mais viscerais.

No que se refere à forma, todos os seus poemas possuem títulos, são compostos por letras minúsculas e trazem sinais de pontuação (cuja maioria são exatamente as vírgulas, no meio do poema). Os poemas são escritos com formas que apresenta marca de fluidos, como o

exemplo o poema *Suposição*, cheios de sonoridades e que não carregam uma moral, mas uma busca pela liberdade feminina.

No campo do conteúdo, a grande parte dos poemas têm como foco a representação da sexualidade feminina. Seus versos apresentam um discurso poético de modo direto e que lança voos em busca da autonomia corporal. Em uma entrevista realizada em 2016, ao ser questionada quanto à “escrita erótica”, a autora responde da seguinte forma:

Enquanto mulher, é um duplo desafio escrever, se apropriar para ocupar espaço e romper. A escrita erótica é um exercício para se libertar, pois não acredita que esteja nesse grau máximo de libertação onde a liberdade é um processo, uma dilatação e como não estar nesse grau máximo, estando no processo até descolonizar. Assumir essa experiência erótica a partir da linguagem poética é um exercício de libertação da consciência que vai se dilatando de uma dupla libertação do corpo no mundo e da palavra no poema. O exercício que você pode falar dos atalhos do corpo e do prazer superando ou rasurando os discursos que estão aí objetificado, determinado como as pessoas têm de sentir prazer.¹

A escrita de Daniela Galdino nos conduz a refletir sobre o que traz Leyla Perrone-Moisés (1990, p. 13), isto é que a linguagem poética “não é só meio de sedução”, mas o “próprio lugar da sedução”. E são os poetas os primeiros a sentirem a sedução exercida pela linguagem, já que esta é dotada de promessa de uma realidade, porque nela os processos substitutivos são infinitos e o jogo erótico pode circular em permanência (PERRONE-MOISÉS, 1990, p. 20). Diante disso, encontra-se no ato poético, assim como no erótico, uma convergência das linguagens. A poesia conduz ao mesmo ponto como cada forma do erotismo; conduz à indistinção, à fusão dos objetos distintos. Ela nos conduz à eternidade, à morte, e pela morte, à continuidade: a poesia é *l'éternité. C'est la mer allée avec le soleil*. [A eternidade. O mar seguindo com o sol] (BATAILLE, 1987, p. 18).

Abordar o erotismo, em se tratado de uma mulher nesse lugar de fala, envolve uma complexidade de reflexões, visto que o ideário sobre o erotismo é deliberado desde muito tempo na sociedade, porém muitas vezes destinado ao ilusório da pornografia que acaba por

¹ Entrevista concedida pela autora Daniela Galdino, no programa #SELFIEPOESIA e transcrita pela autora deste trabalho. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mqPOfNIY34A&t=1199s/>>. Acesso em: 20/mai./2019.

remeter apenas à narrativa artístico-literária masculina e que muitas vezes gira em torno da repressão sobre as mulheres.

Notadamente, pelo ensaio provocativo de Audre Lorde “Uses of the Erotic” [Usos do erótico, 1984], o erótico é o que “expressa” excitação sexual e desejo em vez de provocá-los. É o que sugere, coloca em contato com sua possibilidade, tornando consciente da sua própria narrativa, como ser físico e sexual. O erótico faz lembrar, de alguma forma, a própria sensualidade e capacidade para o prazer sexual. O erótico pode causar excitação sexual, mas se isso acontece, é um efeito ulterior e não essencial. Diante disso, podemos ver como o erótico pode ser utilizado tanto na vida política como na luta pessoal por essa expressão de vários aspectos de nossa sexualidade.

Finalmente, podemos começar a ver como o erótico pode ser usado tanto na luta pessoal como política. Uma inabilidade de expressar facilmente vários aspectos de nossa sexualidade, mediante das palavras e imagens, ilustra as possibilidades epistemológicas do erótico. Ele pode insinuar as lacunas e os vazios, os silêncios dentro de nossos discursos sexuais, segundo Eileen O'Neill (1997).

As mulheres sempre lutaram por esse espaço na ficção, no protagonismo feminino, no qual procuram valorizar a identidade autônoma, conduzindo sua própria narrativa na esfera ficcional, muitas vezes recriando um novo olhar subvertendo as representações tradicionais acerca da mulher, como temas apenas sobre o amor, casa, casamento e filhos. A produção literária feminina oportuniza esse novo olhar, assim como afirma a Nelly Novaes Coelho (1993, p. 11), “a inegável emergência do diferente; das vozes divergentes”.

A autora tem uma criação literária contemporânea em que se faz notória a presença do erotismo como marca de identidades e da representação da mulher, no contexto de afirmação, de autonomia e de transgressão que vão além das normas que sustentam as estruturas do patriarcado. E, a partir disso, segundo Octavio Paz (1982, p. 37), explica-se porque “as palavras não vivem fora de nós, nós somos o seu mundo e elas o nosso”.

A poesia de Daniela Galdino vai ao encontro desses corpos femininos e mostra de forma mais clara, representando mulheres que, cansadas das ordens que lhes são impostas, tentam se libertar das amarras da opressão sobre o corpo, sexo e o silêncio estabelecido, através da escrita erótica. Daniela Galdino, como também outras tantas escritoras, ainda não

faz parte do cânone literário, nos livros didáticos, mas é dona de uma escrita surpreendente e carregada de lirismo. Durante toda a obra, percebem-se traços da própria autora e de suas vivências, como nos poemas abaixo retirados do livro *Inúmera* (2017, p. 33):

OBRA DE FRICÇÃO

Gosto de homens
que têm buceta imaginária
daquelas bem colocadas
na coxa esquerda

Gosto de homens
aventureiros da carne e do osso
daqueles que vibram
com o encontro das nossas buquetas.

Esses homens incomuns sabem,
no relincho do segundo,
no piscar do silêncio,
que eu explodo blasfêmias
com a veracidade vulcânica.

Esses raros homens sentem,
no calor da obra friccional,
que na dessemelhança
da minha realidade
nada é mera coincidência:
primeiro, o dialogo de buquetas.
depois a penetração por trás.

(GALDINO, *Inúmera* 2013, p.33)

Nesse poema *OBRA FRICÇÃO*, a voz poética utiliza de verbos como “*Gosto*” para dar voz aos seus desejos, às suas vontades, o gosto de homem e homens, marcando a liberdade sexual da mulher e a igualdade na relação sexual. O que remete também o início da escrita pornográfica, em que o enredo girava em torno dos diálogos das prostitutas e suas formas de satisfazerem seus clientes, contudo, o tom do poema é mais intimista. O contato entre esses dois corpos que entram em harmonia e há tendência a se movimentarem: o atrito acontece paralelo às superfícies que interagem, essas são características, potencializam a excitação e a deixam mais excitante ao referenciar a penetração, afetos e dizeres.

À medida que a linguagem da transgressão incita no leitor um desejo autêntico, ela ganha autonomia, torna-se uma “realidade independente” que

muitas vezes supera, ou corrige, o desejo provocado pelo objeto real. (MORAES, 2003, p.130)

Nos versos *daquelas bem colocadas* e *“na coxa esquerda”*, podemos fazer uma relação simbólica como mito de Dionísio (Baco) – deus da mitologia grega. Segundo o mito, Dionísio era filho de Zeus e Sêmele, que morreu no parto. Vítima de uma armadilha de Hera, Sêmele levou um grande susto e explodiu quando Zeus apareceu em todo o seu esplendor divino, o que provocou a morte de Sêmele por não suportar a força desse esplendor de um deus. Dionísio foi salvo pelo pai e, por conta desse acontecimento, a mitologia relata que ele nasceu duas vezes. Diante do esplendor de Zeus, Sêmele foi feita em pedaços e o menino também. Zeus, então, salvou seu coração e o costurou na coxa, onde permaneceu até o novo nascimento. Através desse mito, podemos notar a reivindicação de igualdade em relação aos gêneros, no qual a figura do homem gera o filho em seu corpo e surge uma nova versão do homem.

No verso *“aventureiros da carne e do osso”* não se faz a distinção da carne e da alma, e o verso seguinte, *“que eu explodo blasfêmias”*, remete à moral cristã. Ambos os versos remetem aos ensinamentos da Bíblia, na qual o homem é formado por corpo, alma e espírito. O corpo seria a parte material e perecível do ser humano, que cessa de existir com a chegada da morte. O corpo pertence à terra e tem contato com ela e, ao mesmo tempo, pode ser santidade ou pecado. A respeito do corpo espiritual, essa é a parte que vai fazer ligação com as coisas espirituais ou com o mundo espiritual, que leva o cristão à presença de Deus. Ao ir contra os dogmas cristãos, a voz lírica levanta a capacidade de ir para além da ideia do pecado e remete à relação de igualdade no ato sexual sem estar preso aos ditos da culpa.

Nesse poema, a transgressão acontece através da união entre as palavras e a linguagem erótica, como exemplo: *“eu explodo”* e *“voracidade vulcânica”*. A voz lírica afirma a todo tempo, a liberdade sexual do seu corpo para com o mundo e o poder que se tem sobre ela mesma ao comparar-se com o vulcão. Na mitologia grega, o Vulcano, o deus do fogo, nasceu deformado. Algumas versões do mito relatam que, além dos problemas físicos, teria nascido também anão. Envergonhada com a aparência de seu filho, Juno (mãe) o teria jogado no mar, sendo resgatado pela deusa Titânica Têtis; esta o deixou escondido em uma gruta no mar, onde o mesmo fazia-lhe joias e artefatos de beleza inestimável. A posição subalterna de

Vulcano partiria da representação deste posicionamento de ser responsável pelo labor manual, assim como milhares de mulheres, recebe as tarefas de cuidar da casa, do trabalho, do marido e dos filhos, mantendo diante disso um modelo de hierarquização social. Vulcano, para tanto, usava os vulcões como sua forja, assim como a voz lírica quer transgredir com a voracidade do vulcão. Mais adiante, o verso “*no calor da obra friccional*” aponta mais uma vez para a resistência friccional de união entre os pares e também para a aproximação de sentindo entre *Obra friccional* e “obra ficcional” da qual a primeira remete à criação poética e a segunda sobre a criação de prazer.

A relação de igualdade no ato sexual fica claro no verso: “penetração por trás”, a voz lírica aborda o ato sexual com a “penetração por trás”, ao mostrar um olhar sobre o ato em igualdade, pois, durante o ato sexual, os corpos ficam em cima um do outro, se encaixando em união, os lados esquerdos e direitos se tornam uniformes. O ato dessa forma seria mais um grito da transgressão que cria imagens da prática sexual colocando como iguais os homens e mulheres nesse lugar erótico.

Ainda falando sobre a liberdade erótica, no poema “*Suposição*”, a voz lírica traz uma estrutura moral e de luta libertária no que se refere ao corpo feminino e sua sexualidade, como podemos observar abaixo:

SUPOSIÇÃO

Enquanto nós -
à margem
de gozos
e esporas -
montamos
o quebra-cabeças,
alguma vagina
transborda
em espumas
o verdadeiro
sentido da vida.

(GALDINO, Inúmera 2013, p.28)

O título “*Suposição*” remete à afirmação de algo como falso, mas que se apresenta como verdadeiro. Ao que refere à suposição ou efeito de supor, na sociedade, ao que se alude ao o corpo feminino, sua sexualidade e sua capacidade reprodutiva na maioria das sociedades

foi alvo de disputas e de apagamentos. Nos versos “à margem” e “de gozos”, a voz lírica adentra ao contexto de conflitos políticos, éticos, morais e ideológicos em que se encontra a temática da liberdade sexual feminina que, por sua vez, é permeada por um jogo de poder e de controle que envolve o discurso religioso, o corpo médico e os órgãos institucionais do Estado que vão falsificar uma “verdade” de como as mulheres deverão ser. Esse corpo feminino, no poema, vai romper com esse silêncio e as mulheres à margem passam a ser celebradas e independentes.

Para além do olhar repressor, como no verso “*o quebra-cabeças*”, a voz lírica remete ao orgasmo feminino, assim como nos versos “*alguma vagina*”, “*transborda*” e “*em espumas*” o ato erótico é visto de maneira melhor através do erotismo presente na poesia em um mundo extrassensível, os orgasmos femininos seriam o verdadeiro sentido de rito, da representação, da imaginação que se faz o motor poético do erotismo, do prazer e da sua emancipação enquanto mulher, como podemos ver nos versos “*o verdadeiro*” e “*sentido da vida*”. A voz lírica constrói uma fonte de autoconhecimento que vem anunciar a liberdade dessa repressão pelo próprio corpo, como Lamaire (1999, p.13) diz:

Elas dizem o gozo e, ao dizê-lo, destroem os mecanismos repressores da subjetividade feminina, dos padrões convencionais de comportamento social, tão limitativos para a mulher. Instauram a poesia/erotismo como fonte de autoconhecimento, e conhecimento do Outro e do mundo, como princípio de novas formas de solidariedade social e humana.

No poema “*ESTILHAÇOS*”, também podemos notar a voz erótica ao falar sobre o corpo e sua busca por liberdade sexual, como logo abaixo:

ESTILHAÇOS

eu percorro
vasculho
as gavetas
de minhas
estranhas entranhas

eu detecto
confiro
um grito
suspense
por verbos imundos

densos cactos
restos teus
ferem e saciam
meu ser em chamas.

(GALDINO, Inúmera, 2013, p.38)

No poema “*ESTILHAÇOS*”, notamos um título que remete aos fragmentos que durante o poema se constrói em uma voz lírica sem marca de gênero definida e que também se apaga quando o “*eu*” que inicia o poema acaba desaparecendo a partir da terceira estrofe. A construção textual, a partir do uso da linguagem erótica, nesse poema também “desmancha no ar” antigas visões sobre o sexo, como podemos notar através do “*eu*” com o “*teu*” que mostra uma unidade que rompe com a hierarquização de gêneros. Não temos uma simples rebeldia, ou uma transgressão sem causa, mas uma relação de poder que representa as estruturas sócio-culturais e que vão dialogar com as estruturas da base sexual e de gênero. Como no verso “*estranhas entranhas*”, o modo que busca romper com as tradições opressivas e com o estranhamento de dentro, das vísceras, construindo uma estrutura profunda de imagens do sujeito e das relações sexuais construídas que se rompem, também notadas no verso “*meu ser em chamas*”, com um sujeito que se fixa fora da relação da culpa em favor dos preceitos relacionados aos valores morais que molda a sociedade. Lembremo-nos do olhar histórico, das manutenções da relação de poder, nos episódios em que as mulheres eram associadas à bruxaria e foram queimadas durante a Idade Média. Para além do sentimento voltado, apenas, para o ato sexual em si, como meio de procriação, busca-se, entretanto, uma representação usando o corpo no quadro da liberdade que aponta para a além das normas de procriação a construção das intimidades dentro do seu ser, interligada com a maneira de como se relacionar psico-corporalmente criando esse território existencial no qual marca o indivíduo longe das opressões, como marca de uma saída para os problemas que se perpetuam historicamente, tais como os cintos de castidade, o gozo negado, a repulsa à menstruação. Assim, a linguagem do erotismo e da poesia caminham juntas, como disse Octávio Paz (1994, p. 12):

A relação entre erotismo e poesia é tal que se pode dizer, sem afetação, que o primeiro é uma poética corporal e a segunda uma erótica verbal. Ambos são feitos de uma composição complementar. A Linguagem som que emite sentido, traço material que denota idéias corpóreas é capaz de dar nome ao mais fugaz e evanescente: a sensação; por sua vez, o erotismo não é mera sexualidade animal, é cerimônia, representação.

É nessa relação entre a poesia e erotismo que se move um ato erótico, no sentido que Paz coloca, em que a escrita de Daniela Galdino se faz ausente de uma voz lírica presa ao sentimento negativo sobre o sexo e sua vivência com ele, pois vai além do seu silenciamento, do não consentimento e das normas de certos aspectos da vida íntima que são impostos. Ao contrário, a poesia usa a linguagem do desejo buscando o próprio desejo, algumas vezes através da ironia, do riso, indo ao campo que historicamente foi dito como “coisas proibidas para mulheres”, a fim de transformar essa visão *purista* em um caminho através do erotismo verbalizado nos escritos que demonstram abertura para o não estranhamento da mulher, do equilíbrio dos gêneros, dos atritos dos corpos e do gozo. Assim, podemos explorar no poema abaixo:

EPITÁFIO ORTOPÉDICO

Debaixo do manto etéreo
a pele era de papel:
servia de rascunho
e desmanchava facilmente.

A tinta do nosso suor
marcava cada sílaba
articulada pelo gozo.

Viver era ir-se

na direção
das pequenas mortes
Instantâneas
e das súbitas ressurreições.

O relógio era uma miragem
As horas não se arrastavam
nem saltavam

simplesmente recolhiam-se
na impossibilidade de existir.

Em meio à inatingível condição
O teu colchão ortopédico
Escrevia um livro de memórias.

(GALDINO, Inúmera 2013, p.82)

No poema *EPITÁFIO ORTOPÉDICO*, através do título notamos uma alusão a uma escrita em túmulos (epitáfio) e que corrige alguma coisa (ortopédico). A voz lírica traz temática do sexo mais explícita na qual ocorre o diálogo com o corpo, como pode ser visto na primeira estrofe:

Debaixo do manto etéreo
a pele era de papel:
servia de rascunho
e desmanchava facilmente.

Nesse escrito, a voz lírica apresenta-se como sujeito de seu corpo, da sua vontade e de forma mais ousada, descrevendo esse sujeito romântico numa relação amorosa. O sujeito erótico dessa relação redimensiona os laços afetivos-sexuais através da pele, da escrita, e que envolve o sexo.

Já na segunda estrofe, temos:

A tinta do nosso suor
marcava cada sílaba
articulada pelo gozo.

A autonomia sexual ou corporal fica nítida nessa estrofe que vai trazer uma voz lírica que admite sua consciência da fala, da vivência e de uma libido, de um corpo que não é frágil nem preso a qualquer norma que o torne menor, mas que juntos ocupam uma igualdade, como no verso “*A tinta do nosso suor*”. Eroticamente, a voz lírica utiliza esse campo para retratar um ato sexual de união, no qual não se tem uma hierarquização de poder, mas uma junção corporal em que se unem articuladas pelo gozo.

Na estrofe seguinte, o verso:

Viver era ir-se

Mostra o resultado de um possível ato consciente em torno da sexualidade e do erotismo no sentido de completude do desejo em buscar o prazer sexual e esse “*Viver*” pode

representar um salto para a felicidade através dos corpos, da sua união. Essa relação do viver continua na estrofe seguinte:

na direção
das pequenas mortes
Instantâneas
e das súbitas ressurreições.

O Eros e Tanatos são lados opostos que se unem na mesma moeda e que, para ocorrer o erotismo, é preciso essa ligação, como já mencionamos neste trabalho. E é justamente nessa ligação que acontece o que a voz lírica mostra na estrofe acima, das “*pequenas mortes*” e das “*súbitas ressurreições*”.

Coutinho Jorge (2008) nos esclarece algo sobre essa relação enigmática entre o gozo sexual e a morte que permeia os versos. Ao contrário do amor, que tem como intuito abolir a morte de seu horizonte — na medida em que tenta preencher a falha real imposta pela não existência da relação sexual —, o sexo admite a morte e parece nutrir-se dela. A expressão francesa *petite mort*, usada para designar o orgasmo, traz a morte em si mesma. Portanto, seria a partir do gozo sexual, fálico, mediado pelo significante, que a morte, como a insinuação da coisa, estaria à espreita. Seria como se o gozo sexual permitisse ao sujeito ter acesso a uma pequena parte do impossível e do absoluto da morte, só que, incondicionalmente, mediada pela Lei e pelo significante.

Para Bataille (1987), na pequena morte erótica se experimenta do impossível, os pares se juntam com suas descontinuidades gerando uma continuidade, através da morte, do gozo nesse caso. Ocorre, também, a equivalência dos termos "morte" e "orgasmo" que se aproximam até mesmo da noção cristã de eternidade, de "ir para o céu" para o cristão, como resultado de um infinito ato de amor. Podemos relacionar tais reflexões com a seguinte estrofe:

simplesmente recolhiam-se
na impossibilidade de existir.

Nesse poema, o ato sexual a dois, essa união é realizada de maneira igualitária, sem o domínio da genitalização da sexualidade masculina que é substituído pela fruição livre

articulada pelo gozo que nos permite ver o erotismo para além da interdição, como na estrofe abaixo:

Em meio à inatingível condição
O teu colchão ortopédico
Escrevia um livro de memórias.

O riso também se faz presente no verso “*o teu colchão ortopédico*”, ultrapassando a moral sexual cristã, colocando a voz lírica de modo ativa, independente, como no verso “*Escrevia um livro de memórias*”. Sobre o riso e o sexo, trazemos a reflexão de MORAIS (2007, p.31)

O riso nega a tragicidade da morte. Consideremos ainda que tanto o riso quanto o sexo são alvo de interdições, tornando-se, assim, elementos privilegiados de transgressão: eles engendram a negligência de limites. Ambos concorrem para superarmos a vertigem provocada pelo abismo existente entre os seres descontínuos que somos, pois ambos suscitam o engajamento do outro no mesmo movimento de rir ou gozar. Orgasmo e riso são prazer físico, resultado de uma experiência sensível com o mundo, com o outro.

É interessante notar que os processos de construção da autonomia corporal através da linguagem erótica na poesia de Daniela Galdino estão focalizados primariamente na sexualidade de maneira simétrica entre ambos os gêneros e o resultado desse processo é de uma representação positiva para ambos, que acaba por não colaborar para o sentimento de inferioridade das mulheres, que, culturalmente, são as que mais sofrem com isso. Essa perspectiva pouco auxilia para manutenção do patriarcado, pois é extremamente importante consideramos que o dispositivo da sexualidade funciona como força que impulsiona a construção da submissão feminina, já que ela se constitui na manutenção de corpos dóceis e hierarquização baseada no gênero.

Os escritos de Daniela Galdino não se baseiam apenas na liberdade do sujeito, do desejo, mas para além desses pontos, superaram o peso dessa manutenção e hierarquização,

aspirando a outras formas de se relacionar e conscientizar sobre as necessidades de romper com paradigmas de repressão. Como aponta Lord (1984 p. 5):

Em contato com o erótico, eu me rebelo contra a aceitação do enfraquecimento e de todos os estados de meu ser que não são próprios de mim, que me foram impostos, como a resignação, o desespero, o auto-aniquilamento, a depressão, a auto-negação.

Daniela Galdino, diante de sua escrita, radicaliza os modos libertários de vivenciar o desejo e acena para uma construção identitária que redimensiona as relações entre homem e mulher, como podemos notar no poema abaixo retirado do Livro *Espaço Visceral* (2018, p.17)

um pé de água

não saberei do corpo celeste
que, devagar, nutre auroras

tocá-lo. Percorrê-lo é violentar
o terreno limítrofe das horas

oferecida em displicência
envolta nas dilatações
semeadora de penumbra:
acinte vejo

macero vontades extraviadas

quem respira terremotos
inibe a calma de hesitações

deito-me na barcaça do sonho
ofereço-te grandezas:
esta cachoeira
que se oculta
em minhas pernas

(GALDINO, *Espaço Visceral*, 2018, p.17)

No poema *um pé na água*, ao observar o título, notamos a relação do erotismo e da água, pois nela está envolvido o corpo em uma ligação em que a água e as sensações que temos através dela fazem com que aconteça a retirada de todas as roupagens, como se

confiasse em sua forma verdadeira, nua; na água temos a sensação de liberdade, não sentimos mais o peso e através dos pés somos guiados e adentramos nesse espaço livre.

Segundo Bruni (1994), essa ligação da água e do Erotismo também se faz presente na tradição judaico-cristã, na qual a água simboliza, em primeiro lugar, a origem da criação. O simbolismo da água, segundo CHEVALIER; GHEERBRANT (1991), relata que O mem (M) hebraico simboliza a água sensível; ela é mãe e matriz (útero), fonte de todas as coisas. Na Bíblia, a água exerce um papel importante também, como em João 4:14: “mas quem beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede. Pelo contrário, a água que eu lhe der se tornará nele uma fonte de água a jorrar para a vida eterna”.

Historicamente, os poços e as fontes de água que se ofereceram aos nômades serviram para a fixação e construção das primeiras cidades. Nesses ambientes próximos da água nascem as casas, os casamentos, por exemplo. A água e o erotismo, nesse caso, na voz lírica, fazem uma alusão a um ser que corajosamente constrói sua capacidade de gozar e, diante disso, ser livre, assim como água que deságua na terra. Ocorrem também outras ligações do erotismo com outros elementos da natureza, como podemos notar na primeira estrofe do poema:

não saberei do corpo celeste
que, devagar, nutre auroras

Encontramos na primeira estrofe do poema uma alusão ao título do próprio livro em que está inserido *Espaço Visceral*, visto que “*corpo celeste*” é todo e qualquer astro que se encontra no espaço sideral e, na obra, ocorre a troca do sideral para o visceral, remetendo ao ambiente interno, o de dentro e não o de fora do corpo. Ainda nessa estrofe, aparece o verso “*nutre auroras*”, que mostra a busca pelo empoderamento para mulheres. Notemos que, segundo a mitologia Grega, segundo Brandão, (2013, p. 83), a deusa Aurora ou Eos é a que abre o caminho para o Sol. A deusa do amanhecer também é famosa por seus amores, em geral atordoado e cheio de intensidade mesmo com humanos.

Ainda, seguindo o mito da deusa Aurora, sua história é bastante conhecida através do amor mais intenso e duradouro da deusa. Castigada por Afrodite, que a encontrou na cama com Ares, Aurora foi condenada a viver relacionamentos complicados, justamente com

homens mais jovens. Um deles, o pai de seus dois filhos heróis, Títono, a quem ela amou tanto que pediu a Zeus que lhe concedesse a imortalidade. Esqueceu-se, no entanto, de garantir que ele não envelhecesse e Títono acabou vivendo a imortalidade como o pior dos castigos: eternamente envelhecendo, sem conseguir morrer. Em desespero, Aurora teria transformado o amante em uma cigarra, condenada a cantar seu triste lamento, a fim de lembrar aos homens que a busca da imortalidade esconde mais perigos do que imaginamos.

Essa ligação amorosa complicada e intensa também ocorre no poema na segunda estrofe:

tocá-lo. Percorrê-lo é violentar
o terreno limítrofe das horas

Podemos notar a presença do vivenciar através do verso “tocá-lo” e também do receio em realizar, como no verso “percorrê-lo é violentar”, assim como foi perigoso o pedido de Aurora no mito, no poema também se fazem presentes os limites entre esses corpos e o tempo, como no verso “*o terreno limítrofe das horas*”.

Na terceira estrofe, ainda temos ligações entre o mito e o poema, como podemos refletir logo abaixo:

oferecida em displicência
envolta nas dilatações
semeadora de penumbra:
acinte vejo

Como podemos observar, nos versos que iniciam a estrofe — “*oferecida em displicência*” e “*envolta nas dilatações*” —, a voz lírica mostra-se um ser sem amarras em volta da ampliação do seu “eu” que busca vivenciar seu desejo.

A experiência erótica é modificada na sociedade, que muitas vezes vai narrar um contexto distante do verdadeiro sentido do erotismo que é a união dos seres sem o caráter de obrigatoriedade ou hierarquização. A “*displícência*” em não seguir essa ordem distante das normas que a sociedade dita faz com que a voz lírica consiga remeter ao erotismo no qual unifica os seres criando esse amanhecer erótico.

No verso “*semeadora de penumbra*”, notamos também a semelhança com a deusa Aurora, que teve dois filhos: Emátion e Mémnon, ambos mortos de forma trágica. Aurora, desconsolada, é bastante conhecida pela representação da imagem de ter no colo o jovem morto sobre cujo corpo ela chora. Zeus, por sua vez, transforma suas lágrimas no orvalho que umedece a terra pela manhã.

Todo o poema é repleto de associações de desejo e elementos da natureza, como nos versos “*acinte vejo*”, “*macero vontades extraviadas*” e “*quem respira terremotos*”. A voz lírica, de modo provocador, mostra uma aflição pelo desejo, no qual essas vontades que foram negadas conseguem transgredir a proibição delas e ultrapassar esses limites para assim, como os terremotos que contém tremores, consigam a liberação desses desejos acumulados, dando origem à liberdade erótica de modo a desencorajar os impedimentos que geram a negação, como podemos observar no verso “*inibe a calma de hesitações*”.

Na última estrofe do poema abaixo, podemos explorar novamente essa liberdade erótica:

deito-me na barcaça do sonho
ofereço-te grandezas:
esta cachoeira
que se oculta
em minhas pernas

A voz lírica à espera dessa realização, como no verso “deito-me na barcaça do sonho”, o papel libertário mostra-se ousado e provocativo: “ofereço-te grandezas” sem falsa moral, mas com versos que valorizam a independência e não a submissão da mulher, como também do homem nas relações. Essa linguagem poética alude ao gozo, como nos versos “esta cachoeira”, “que se oculta” e “em minhas pernas” que, assim como o mito, utiliza-se do erotismo, com nome: liberdade para viver. E essa liberdade para viver também é referida no poema abaixo:

aérea de aquário

uraniana, sorve meus pés
lambe minha concha, cona

reúne tudo: seivas, sons,
sais, sobras, sustos

e orna, deslizadaeira,
o recipiente de afetos

meus ecos liquefeitos
rarefeitos
desconhecem gargalos

(GALDINO, Espaço Visceral, 2018, p.27)

O título do poema *aérea de aquário* remete a elementos da astrologia. Aquário, que é o décimo primeiro signo astrológico do zodíaco, é um signo aéreo e tem como regente Urano. Pessoas nascida nesse período são comuns de serem conhecidas como “aéreas”, pois esse elemento do ar faz com que elas analisem e se tornem pessoas idealistas que sempre focam em um cenário diferente do que se é vivido. Ainda falando de astrologia, o poema se inicia citando a Urânia que, segundo a mitologia grega, era uma das musas, filha de Júpiter e Mnemósine [memória], essas deusas eram inspiradoras da música e seriam divindades que lidavam com poesia, as artes e as ciências.

Urânia era a entidade a que os astrônomos pediam inspiração, logo, seria a deusa da Astronomia e da Astrologia. Ainda segundo a mitologia, essa deusa era bela e sempre conseguia o que ela queria, como podemos notar refletido no primeiro verso do poema: “uraniana, sorve meus pés”. Urânia é citada e aspira aos desejos da voz lírica que continua nos versos seguintes a revelar esses desejos:

lambe minha concha, cona
reúne tudo: seivas, sons,
sais, sobras, sustos

Se pensamos na astrologia como sendo o estudo de troca de energia que se move no universo, tocamos no que Paz (1984) sugere ao falar do erotismo, quando ele estabelece

relação de correspondência entre os seres. Para ele, a crença da união se deve ao erotismo enquanto união *versus* separação numa constante entre atração *versus* repulsa. Um erotismo astrológico e um erotismo alquímico; igualmente um erotismo subversivo: a atração erótica rompe as leis sociais e une os corpos sem distinção de classes e hierarquias (PAZ, 1984, p. 94). É nesse erotismo subversivo e de atração de energias que a voz lírica do poema traz o elemento de transgressão, ao romper com as regras impostas e violar os costumes em que não se é comum o domínio do erotismo, enquanto prazer nele mesmo.

A voz lírica, através da linguagem poética, mostra sons simultâneos: *seivas, sons, saís, sobras, sustos*, que lidos juntos são associados aos sussurros presentes no ato sexual e é nesse intermédio do desejo que a voz lírica vai combinar o desejo e os afetos, como nos versos abaixo:

e orna, deslizeira,
o recipiente de afetos

A voz lírica, como podemos notar nesse trecho, vai reivindicar para si o direito da felicidade e também de liberdade. Para isso, vai transgredir até nas vozes que de alguma forma transitam em impedir essa vivência, como nos versos abaixo:

meus ecos liquefeitos
rarefeitos
desconhecem gargalos

Não é em vão que no verso “*meus ecos*” a voz lírica vai remeter à ninfa Eco, que era uma amante dos bosques e dos montes, onde se dedicava a distrações campestres. Certo dia, foi condenada por Hera a apenas responder, sem poder falar em primeiro lugar, sempre repetindo a última palavra das pessoas. Segundo a mitologia, ao encontrar Narciso, sempre repente a última palavra que ele fala e ele, por sua vez acaba por se apaixonar por si mesmo por causa do reflexo na água, e a voz de Eco o faz consumir-se no lago ao pensar que o eco de suas palavras é a voz de seu reflexo nas águas.

transbordada
serei pedra sem limo
no fundo das tuas marés

A voz lírica, diferente do que acontece com Narciso, que morre ouvindo o eco de sua voz, acaba por proporcionar-se a inversão do sofrimento direcionando toda a sua potencialidade ao ato de transgressão erótica, como forma de autocompreensão e, também, de satisfação, assim como Paz (1994, p.97) comenta: “O amor é a metáfora final da sexualidade. Sua pedra de fundação é a liberdade: o mistério da pessoa”.

É nessa busca que a lírica da escrita de Daniela Galdino marca ruptura de pensamentos enraizados sobre as relações da sociedade em relação ao erotismo, no sentido da posse de uma pessoa sob a outra. Para além disso, ela constrói uma nova visão que permite criar, recriar, rever alguns mitos formando, então, um caminho para libertação da voz feminina que, através da experiência amor-erótica questiona os mecanismos de repressão. Paz (2001, p.18) coloca que as regras destinadas a domar a sexualidade são fornecidas de dois termos: “...a abstinência e a permissão”. Não existe, portanto, proibição que não possa ser transgredida, como fica notório na poética erótica de Daniela Galdino, de acordo com o que Bataille (1980, p. 60) reflete: “Proibição e transgressão correspondem a dois movimentos contraditórios: a proibição rejeita, mas o fascínio introduz a transgressão”.

É nesse caminho de transgressão que encontramos, na poética de Daniela Galdino, a revolução com o corpo, em que três fatores são importantes para essa construção, como bem aponta Paz (2001, p. 122):

o primeiro, social, tem sido a crescente independência da mulher; o segundo, de ordem técnica, a aparição de métodos anticoncepcionais mais eficazes e menos perigosos que os antigos; o terceiro, que pertence ao domínio das crenças e valores, é a mudança de posição do corpo, que deixou metade inferior, inteiramente animal e perecedora do ser humano. A revolução do corpo tem sido um fato decisivo na dupla história do amor e do erotismo.

Essas conquistas das mulheres tendem a desafiar as crenças e valores que sustentaram o silêncio das mulheres na história. Daniela Galdino, no seu discurso poético, faz justamente a fusão da sexualidade e do erotismo, como diz Paz, transformando o erotismo em uma das chamas da sexualidade, revelando sua natureza animal. Indo além, fazendo uma escrita que foge à regra do proibido.

É justamente nessa escrita — que desafia o sistema falocêntrico — que notamos a diferença de uma escrita de uma autora que, através da voz lírica, busca falar da libertação do corpo e da igualdade entre os pares, como define Rita Teresinha Schmidt (2016). A palavra então ganha um corpo que é história: “Tão importante como o conteúdo do que se transmite, é o que o corpo diz, a forma como se revela, no gesto, no tom de voz, no olhar” (PINTASILGO, 1981, p. 54). Essa diferença do sistema falocêntrico pode ser vista no poema abaixo, em que a voz lírica vai transgredir, através da experiência erótica, com imagens do corpo e do orgasmo:

ter remoto

de língua penetrado
o solo explode grunhidos

a noite se rasga veloz
varrendo o silêncio profundo

os corpos se acordam em eclipse
anuviando receios latentes

e vazam para outros polos
inundando as valas da terra

(GALDINO, Espaço Visceral, 2018, p.29)

A força erótica nessa poesia já ganha vigor no título *ter remoto*, ao aparecer como forma de revelação sexual, mais precisamente do seu orgasmo sem interdições morais sobre esse comportamento social, na sua liberdade animal do sujeito que deseja livremente, fazendo alusão às respostas que o corpo oferece no rito sexual quando está no momento de êxtase.

Logo na primeira estrofe, são produzidas as imagens do corpo, como podemos observar nos versos “*de língua penetrado*” e “*o solo explode grunhidos*”. Na ótica feminina, o sujeito lírico dos versos se mostra como sujeito do desejo que busca a perfeita harmonia da língua adentrado o seu corpo que é exposto como receptáculo do prazer.

Na segunda estrofe, temos a imagem da alusão da noite com o corpo que não silencia esse desejo fazendo rasgar em busca da liberdade. Em “*O silêncio profundo*” podemos inferir os silenciamentos que as mulheres tiveram em seu contexto social, de não conhecer seus corpos, os seus prazeres e que através da experiência erótica conseguem “varrer” essas

quietudes que historicamente foram colocadas às mulheres, como podemos ver nos versos abaixo:

a noite se rasga veloz
varrendo o silêncio profundo

Aparece realmente um desejo livre de comados, de dominação que rompe com a imagem da mulher sendo idealizada como virgem endeusada. Entretanto, abre espaço para surgir a mulher desejante, que revela seus desejos mais íntimos numa relação igualitária, na qual ambos os corpos conseguem ter prazer. Podemos destacar isso nos versos abaixo:

os corpos se acordam em eclipse
anuviando receios latentes

Esse compartilhamento feito em conexão, sem hierarquização, é o que Lord (1984, p.3) nos fala sobre o quão importante é para as mulheres tomarem a frente desses usos do erotismo como forma de poder e de equilíbrio entre as partes numa experiência eroticamente satisfatória para ambos sem que isso seja visto de forma presa às normas da sociedade, como podemos verificar na ponderação abaixo:

Essa auto-conexão compartilhada é um indicador do gozo que me sei capaz de sentir, um lembrete de minha capacidade de sentimento. E essa sabedoria profunda e insubstituível da minha capacidade ao gozo me põe frente à demanda de que eu viva toda a vida sabendo que essa satisfação é possível, e não precisa ser chamada de *casamento*, nem *deus*, nem *vida após a morte*.

Essa transgressão expõe o papel da voz lírica feminina ativa que ousa soltar o desejo contido, visto que muito tempo essa era uma experiência negada às mulheres que se perpetua até hoje, em que várias mulheres sentem dificuldades em vivenciar seus desejos. Ao longo da história, os homens são incentivados, desde de pequenos, a ampliar seu lado sexual, seja através da manipulação do órgão genital, seja nos usos de frases machistas culturalmente naturalizadas como: “Prendam suas cabras que meu bode está solto”, em que discursivamente coloca que o sexo é um direito apenas dos homens. As mulheres ainda crescem em meio a muitos tabus que dificultam se soltarem, como na hora do ato sexual, por exemplo. As mulheres são ensinadas que não se pode ter autonomia sexual. Desde pequenas, sentem o peso

da repressão em relação às roupas, às brincadeiras e às piadas constrangedoras em relação ao sexo. Esses discursos machistas, atrelados à falta de educação sexual e à desigualdade de gêneros, são alguns exemplos comuns na sociedade. É justamente através da transgressão da voz lírica que se constroem novos caminhos de se relacionar com o outro.

A linguagem erótica presente no poema mostra que o corpo quer ser descoberto, por isso expõe sem constrangimento o desejo de uma emancipação sexual que podemos notar nos trechos: “explode”, “varrendo silêncio”, “anuviado receios” “vazam”, “inundado” e “terra”.

Em todo o poema, as palavras começam a desnudar o corpo e erotizar cada parte através do discurso poético, no qual as marcas dessa poesia são comprometidas com as marcas pela libertação sexual, em que esses corpos passam a ser instrumentos do ritual erótico evidentemente igualitário, como nestes últimos versos:

e vazam para outros polos
inundando as valas da terra

É nesse contexto que a poesia de Daniela Galdino se consolida como um discurso que é majoritariamente de empoderamento, de maneira que mantém uma relação erótica em que o homem e a mulher conseguem igualdade de gênero. O corpo ousado diante de um discurso erótico com imagens da prática sexual no exercício de descoberta do outro, negando assim o exercício do poder, como bem coloca Sant’Anna (1993, p.31): “A relação erótica entre o homem e a mulher, no sistema falocêntrico, transforma a relação sexual numa prática sacrificial e num exercício de poder”. É diante dessa valorização do corpo integrada à busca da sexualidade sem culpa que se marca a quebra da passividade, que podemos observar no poema “maré”:

maré

“nunca alheio me levanto ou deito”

vem você
com filosofias
escritas à pica

acordei alheia
- de ressaca

gozo

trêmula
debaixo
do chuveiro

água fria
na buceta, poemas

coleciono afogamentos
(GALDINO, Espaço Visceral, 2018, p.69)

Podemos observar que o título do poema “maré” já traz o que Angélica Soares (1995, p.8) defende: “...o sentido ecológico da imagem feminina atuante e consciente de sua sexualidade se vê intensificado por resultar da metamorfose entre corpo e natureza”. A voz lírica se coloca como a exploradora do corpo e dona das suas vontades, dos desejos em que o poema atua como instrumento revolucionário de inverter a ideia consolidada do homem sobre a mulher, como no trecho: “*vem você com filosofias*” “*escritas à pica*”; essa voz lírica — pode-se afirmar — tem uma atitude política própria da escrita feminina que desafia imagens consolidadas, mas que vai ativamente expressar seu desejo no ato, como nos versos: “*acordei alheia*” e “*- de ressaca*”.

Neste terceiro verso, notamos a liberdade das palavras poéticas, que vão mais uma vez evidenciar a força erótica, colocado a celebração do erotismo se contrapondo aos conceitos patriarcais e os da moralidade vindos do cristianismo ao transgredir as normas que condenam a mulher ao silêncio. Ela encontra o caminho revelado na fala do corpo e do desejo em forma do seu próprio gozo, como observamos abaixo:

gozo
trêmula
debaixo
do chuveiro

Há uma sobreposição de imagens que destaca tanto a ligação da mulher com a natureza, “*água*”, como também as imagens do corpo revelador que vai usar a palavra “*buceta*” com a letra “u” evidenciado uma linguagem mais usada na pornografia para reafirmar essa transgressão na poética erótica de ocupar espaços, como nos versos:

água fria
na buceta, poemas

Como bem coloca Giddens (1992), a repressão sexual se confunde com a história das mulheres, portanto, expressar a sexualidade na poesia é o grande desafio que a palavra da mulher tem enfrentado. A importância de se problematizar as especificidades do universo feminino é imensa e a poética da Daniela Galdino acaba por contribuir para a percepção de mundo feminina e feminista, pois considera não só as marcas das diferenças, como também, a escrita como instrumento de transformação de mentalidades que ousa construir uma nova narrativa em que as mulheres ocupem esses espaços de maneira livre, como podemos notar neste último verso: “*coleciono afogamentos*”. Não é por acaso o tom de protesto e recusa à submissão presente em todo o poema, pois a voz lírica relata esse conflito da mulher consciente da sua atuação, e que se torna protagonista da sua escrita, do corpo, do gozo e do desejo em que a sexualidade se vivencia em sua plenitude e de maneira livre.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral, entre todas as discussões propostas por este trabalho, é importante fazermos nelas alguns apontamentos dos quais podemos concluir nossas reflexões. Entretanto, que também possam abrir novos caminhos e novos questionamentos a respeito do Erotismo e acerca da poesia de Daniela Galdino, principalmente porque a escritora permanece em constante atuação no nosso cenário literário contemporâneo.

É essencial notar que nos poemas escolhidos nesta pesquisa, em que o corpo é erotizado, é comum que os sujeitos da cena erótica se encontram em igualdade. Para Angélica Soares (1999, p. 84) isso indica “[...] o caráter desconstrutor da representação estereotipada de feminino e masculino”, o que significa dizer que Daniela Galdino se declara feminista e sua poesia demonstra um posicionamento animador em relação à não repressão da sexualidade feminina e que ambos — feminino e masculino — caminham para uma representação literária positiva.

Por agora, cabe-nos mencionar que a voz lírica expressa olhares diferentes sobre as normas de condutas do corpo e do erotismo na sociedade, e por vezes, expressa através da linguagem uma conciliação da conscientização e da necessidade de ruptura dos paradigmas repressores, em que os poemas acenam para uma construção identitária e de reestruturação das relações entre homem e mulher.

É constante também que a escrita do corpo nesses poemas tem uma interação com a Natureza, por intermédio das criações de imagens que decorrem de um processo de empoderamento, libertação e cumplicidade. Diante disso, acessam para uma leitura do desejo no lugar onde o erotismo não é preso às conveniências sexuais relacionadas ao poder. Essas imagens acabam por remeter a interações tanto da Mulher/Natureza e também dos relacionamentos interpessoais, dos quais se tem uma marca de ruptura com as ideologias falocêntricas desmarcando espaços fixados pelo homem, pela moral cristã, da psiquiatrização na saúde e possibilitado uma relação erótica de forma ressingularizada.

É complexo analisar o erotismo, pois, quando se remete a ele, redimensionamos esse olhar, na maioria das vezes, para a relação sexual, mesmo que seja impossível desvincular o erotismo da sexualidade. Nesta pesquisa, através das obras literárias presentes neste *corpus*, foi observado o conflito em que a questão da sexualidade na sociedade sofreu interdição. Foucault, com sua obra *História da sexualidade*, conduziu nossa investigação no sentido de analisar o porquê dessa sexualidade se revestir dos discursos da moral e por criar imagens sobre o erotismo tão distantes da verdadeira imagem dele.

Trazer no âmbito desta pesquisa uma autora feminina permitiu uma reflexão da mulher que, por meio das palavras, da representação escrita, aponta para um novo olhar do “eu” feminino, que aflora aos discursos presentes na revolução erótica do século XX, como aponta Jozef (p. 288 e 295):

A revolução erótica do século XX, trouxe a transgressão e a abolição de valores repressivos, possibilitando um questionamento consciente do ser: observamos que a literatura contemporânea pergunta-se sob o signo, a linguagem e o ser [...] A arte, 'o equivalente moderno do rito e da festa', através do imaginário, mantém-se vinculada ao princípio de prazer e formula seu protesto contra a repressão.

A mulher na condição histórica passou por uma alienação, que é fabricada pelas sociedades que impõem quais papéis lhe serão designados. Esse controle pelo qual a mulher passa contribui para a condição de submissão e a de sujeito-objeto que mulher enfrenta no mundo. É justamente depois das lutas emancipatórias feministas e eróticas que a mulher tenta adentrar nesses espaços e começa a desenvolver suas próprias narrativas.

O erotismo como foi visto nesta pesquisa é sempre uma pulsão que salta corajosamente ao desconhecido. Ele não serve apenas como fruição da sexualidade, mas com ânsia do absoluto, da fusão com o outro e com o universo de maneira antiautoritária.

A representação do erotismo na poesia de Daniela Galdino significa a recriação do corpo e da ressignificação dele perante a sociedade, em que o erótico está ligado aos prazeres e funcionamentos sexuais, do qual se constituem em uma relação de ação/prazer para além de uma relação macho/fêmea com vistas à reprodução apenas. Por fim, o erotismo como a poesia não são fatores físicos, mas fatores da ordem simbólicas e dos sentidos da representação que neste trabalho ousam, por intermédio da voz lírica, uma atitude positiva em relação ao sexo e para com outro.

REFÊRENCIAS

BATAILLE, Georges. **O Erotismo. Trad.** Antonio Carlos Viana. Porto Alegre; L&PM, 1987.

Bíblia Sagrada. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

BRANDÃO, J. S. *Mitologia Grega v.2*. Petrópolis: Vozes, 2013.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003a.

CASTELLO BRANCO, Lúcia. **O que é erotismo**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CHEVALIER, J., GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

COELHO, Nelly Novaes. **A presença da mulher na literatura contemporânea**. In: _____. *A literatura feminina no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Siciliano, 1993. p.11,26.

DEL PRIORE, Mary. **História Íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo; Editora Planeta do Brasil, 2011.

Entrevista de Daniela Galdino, concedida à #SELFIEPOESIA. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mqPOfNIY34A&t=1199s/>>. Acesso em: 20/mai./2019.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio: o dicionário da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2008.

FERREIRA, D. W. **Erotismo, libertinagem e pornografia: notas para um estudo genealógico das práticas relacionadas ao corpo na França moderna**. *História da historiografia*, n.3, p. 127, 2009.

FOLSCHIED, D.; WUNENBURGER, J. **Metodologia filosófica**. 2ed. São Paulo: Martis Fontes, 1999. p. 139.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade- A vontade de saber**. Vol. 1. Trad Maria Thereza da Costa Albuquerque; J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GALDINO, Daniela. **Espaço Visceral**. Salvador: Editora Segundo Selo, 2018.

_____. **Inúmera**. Ilhéus, BA: Editora Mondrongo, 2013.

BORDO, JAGGAR **Gênero, corpo, conhecimento** / Alison M. Jaggar, Susan R. Bordo [editoras]; tradução de Brítta Lemos de Freitas. - Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade: Sexualidade, Amor e Erotismo nas sociedades modernas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 1992.

GOLDENBERG, Mirian. **Coroas: corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade**. Rio de Janeiro: Editora Record LTDA. 2009.

GREGORI, M.F. **Erotismo, mercado e gênero**. *Cadernos pagu*, v.38, p. 2012)

HUNT, Lynn. **A Invenção da pornografia: obscenidade e as origens da Modernidade**. São Paulo: Hedra, 1999.

JORGE, Marco .A. C. **O amor é o que vem em suplência à inexistência** In: ALBERTI, S. (Org.). *A sexualidade na aurora do século XXI*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud: CAPES, 2008.

JOSÉ CARLOS BRUNI BRUNI, José Carlos. **A água e a vida**. *Tempo Social; Rev. Sociol. USP*, S. Paulo, 5(1-2): 53-65, 1993 (editado em nov. 1994).

KÄMPF, Rachel. **Para uma estética na pornografia**. 2008. 77 f. ; Dissertação (mestrado) - Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, 2008. Disponível em http://aplicacoes.unisul.br/pergamum/pdf/93879_Raquel.pdf. Acesso em 18 de Maio de 2019.

LANTERI-LAURA, G. (1994). **Leitura das perversões: história de sua apropriação médica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar

LEMAIRE, Ria. **Repensando a história literária**. In: HOLLANDA, Holoísa Buarque de (org). *Tendências e impasses. O feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. P. 13)

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da Psicanálise**. Trad. Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p.341.

LORD, Audre. **Os usos do erótico**. [2010] Trad. Tatiana Nascimento dos Santos. Disponível em < <http://transecoqueer.wordpress.com/2010/07/23/os-usos-do-erotico-o-erotico-como-poder/>> . Acesso em 22 de dezembro de 2013.

MAINGUENEAU, D. (2010). **O discurso pornográfico**. São Paulo: Parábola Editorial.

MARX, K. (1988). **O capital** (Vol. 1). São Paulo: Nova Cultural

MORAES, E. R.; LAPEIZ, S. M. **O que é pornografia?** São Paulo: Abril Cultural e Brasiliense, 1985

- MORAIS, João Batista Martins de. **Transtextualidade e erotismo na trilogia de Hilda**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco. CAC. Teoria da Literatura, 2007.
- PAZ, Otávio. **A dupla chama: amor e erotismo**. Tradução Wladir Dupont. 5 ed., São Paulo: 2001.
- PERROT, M. **Os silêncios do corpo da mulher**. In: MATTOS, M.I.S.; SOIHET, R(Org) O corpo feminino em debate. 1.ed., São Paulo:UNESP, 2003.cap.1.
- PERROT, Michelle. Sair. In: DUBY, George; PERROT, Michelle. (Orgs.). **História das mulheres: o século XIX**. Lisboa: Afrontamento, 1991.
- PINTASILGO, M. L. **Os novos feminismos**. Lisboa: Moraes, 1981.
- PLATÃO. **Diálogos: banquete, Fédon, Sofista, político**. Tradução de SOUZA, J. C. e COSTA, J. C. 5 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Flores da escrivantina: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990
- RICH, Adrienne. (1996). “**Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence**” in JACKSON, Stevi & SOCOTT, Sue (eds.). *Feminismo and Sexuality: a Reader*. Comlumbia University Press, New York, pp. 131-132.
- SCHMIDT, Rita Terezinha. **Centro e margens: notas sobre a historiografia literária**. Estudos de literatura brasileira contemporânea, (UnB), Brasília, n. 32, p. 127-141, jul- dez. 2008. Disponível em <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=323127096010>>. Acesso em: 28/jul./2019.
- SHOWALTER, Elaine. **A crítica feminista no território selvagem**. In. HOLLAND, Heloísa Buarque de (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. P. 23-57.
- SILVA, Soares. O amor e o feminino no discurso de Sócrates-Diotima no Banquete de Platão. **Revista Sísifo**, Feira de Santana-BA, vol. 1, n. 6, 2017.
- SOARES, Angélica. **A paixão emancipatória: vozes femininas da liberação do erotismo na poesia brasileira**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1999.

SOARES, A. **Mulheres de Abril de Maria Teresa Horta**: Matrizes de um novo Portugal. In: IL PORTOGALLO E I MARI: UM INCONTRO TRA CULTURE. Napoli: Liguori Editore, 1994.

TORRES, Maximiliano. As incursões de Eros no cenário da poesia carioca contemporânea. In.: CUNHA, Helena Parente (Org.). **Além do Cânone**: vozes femininas cariocas estreadas na poesia dos anos 90. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 2004.

ZOLIN, Lúcia Osana. **Desconstruindo a opressão**: a imagem feminina em A república dos sonhos, de Nélide Piñon. Maringá: Eduem, 2003.

_____. Literatura de autoria feminina. In.: BONNICI, T.; ZOLIN, L.O.(org.). **Teoria Literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 2 ed. Maringá: Eduem, 2005, p. 275-283.